



*F. Goussier de Anvers.*

*Est. d'Asses. Real B. A. de Liege.*

## FRANCISCO GOMES DE AMORIM



Francisco Gomes de Amorim, ajudante do escrivão da Thesouraria da Marinha, servindo em commissão como official da Bibliotheca naval, segundo official da Secretaria da Junta geral da Bulla da Cruzada, socio da Academia Real das Sciencias e de varias sociedades litterarias nationaes e estrangeiras, nasceu a 13 de agosto de 1827 na linda aldeia, chamada Avelomar, assentada no regaço de uma praia da pitoresca provincia do Minho, dois kilometros ao norte da Povia de Varzim. Foram seus pais José Gomes de Amorim e D. Mariana Joaquina Bento. Desde a mais tenra infancia lutou com a estreiteza de meios, com a adversidade, e com

os lances e fadigas, que de ordinario costumam provar os animos viris em annos robustos.

Citamos de proposito os empregos e distincções litterarias, que adquiriu, não por alarde de esteril vaidade, mas como

exemplo do que uma vontade firme, ajudada de elevados dotes intellectuaes, pôde conquistar em curta carreira, apesar da indifferença com que entre nós foram, e são tratadas as boas artes, por esses, que, alcunhando-se estadistas e homens sidos, solletram ás vezes a custo, e balbuciando, as phrases mascavadas dos diplomas, que assignam de cruz. Filho de suas obras, e só d'ellas, o poeta do qual vamos esboçar o retrato nunca teve outras recommendações, que não fossem os applausos das platéas festejando o seu engenho na primeira scena portugueza, e o louvor e a acceitação dos escriptos de prosa e verso, com que enobreceu a sua juventude laboriosa.

De toda a familia, composta de lavradores pouco abastados, era seu avô paterno o unico instruido, e o que possuia e presava os livros. Liberal convencido, mas sereno, tinha-se retirado áquella meia solidão talvez para se furtar á vigilancia dos restauradores de 1823, incansaveis em assellarem o seu zelo pelos *direitos inauferviveis*. Fôra empregado? Com a queda da constituição perdêra o logar? O cutello demissorio havia-o alcançado vibrado pela mão perseguidora dos vingadores do throno e do altar? O bom velho era discreto e fallava pouco do passado, provavelmente por prudencia. Em 1827 todos os tios do poeta, e eram muitos, andavam ausentes, e nunca mais voltaram á patria. Dispersos pelo Brasil, e pela India, quando as armas constitucionaes triumpharam em 1833, depois da luta, em que tantos prodigios as illustraram, mais resentidos, do bue saudosos, nenhum d'elles quiz recolher-se ao reino, d'onde os tinham desterrado os odios politicos e a intolerancia.

O unico filho, que se conservou junto do ancião, por estar casado, foi o pai de Gomes de Amorim; mas apenas rebentou a guerra esse mesmo se viu obrigado a tentar fortuna atravessando os mares e dobrando o cabo de Boa Esperança. O seu consorcio, concluido contra o parecer do avô materno do poeta, que as opiniões realistas exaltavam, em vez de trazer a paz, ateou ainda mais a dissensão entre as duas casas, e coegido pela necessidade, e quem sabe se pelo receio tambem, o desconsolado marido, sem protecção, nem recursos, foi constrangido a separar-se da esposa, e a começar a longa serie de peregrinações longiquas, que na maior parte do tempo o sequestraram do conchego e delicias do lar domestico. A grande pobreza, em que seu avô paterno declinára desde 1824, o quasi desapego do avô materno, logo depois reduzido á escacez pelas commoções civis, e os poucos lucros colhidos por seu pai da aventureira existencia, a que se entregára, concorreram para

que a meninice de Gomes de Amorim corresse penosa e amargurada. Sua mãe, senhora de espiritos varonis, não desanimou com o doloroso quadro de misérias e privações a que a votára a sua meia viuvez. Sem outro amparo mais do que suas virtudes, abrigada por um tecto humilde, cujo preço deveu por alguns annos, pediu forças á sua ternura para não succumbir, e soube ser mãe esgotando todos os sacrificios.

A infancia é naturalmente descuidada. N'ella as lagrimas e as alegrias choram, ou riem como os chuveiros e o sol se cruzam e se interrompem nos dias viçosos de primavera. Da epocha, em que a razão principiava a amanhecer-lhe, as recordações do poeta, confusas e fugitivas, apenas lhe avivam a saudosa e suave figura da mulher, que repousava das lides de uma vida trabalhosa, velando, reclinada sobre seu berço e o de seus tres irmãos, o somno de innocência, que todos dormiam ignorantes, ou esquecidos, dos prantos e do suor de sangue, que lhe custava a ella o pão quotidiano. Pobre mãe! Ao menos na idade proecta os respeitos e carinhos entreteceram-lhe de flores bem gratas ao coração os espinhos da sua coroa de martyrios!

Chegou o dia de se abrir para o poeta e seu irmão mais velho a aula de primeiras letras, dia de tristeza e de oppressão para a infancia, quando passa da petulancia e dos júbilos pueris para o jugo de uma disciplina n'aquella epocha agravada pelos terrores da ferula. Seu irmão aproveitou, coroando de rapidos progressos, os esforços do sr. Manoel Corval, que ao mesmo tempo se queixava, de que a sua palmatoria, sempre alçada contra a preguiça invencivel de Gomes de Amorim, arrancando-lhe a pelle das mãos, não tivesse o condão de lhe incutir os rudimentos! Mas o alumno afez-se ao supplicio, e desafiando as iras e castigos, parecia comprazer-se em envorçonhar o methodo de ensino do honrado velho! No fim de tres annos Manoel Corval tinha estalado umas poucas de ferulas, mas o estudante nem soletrava, nem escrevia o seu nome. Com aquella perspicacia, que Deus concede muitas vezes aos dictadores da cartilha e do *b a ba* o professor subiu ao seu tribunal, e condemnou a pena ultima a capacidade do discipulo. Declarou-o estulto, *urbi et orbi* e jurou por Jupiter que morreria analphabeto. Igual sentença nos feriu a nós e com merecimentos semelhantes. Felizmente o poeta vingou a creança, e mais tarde por nossa parte procurámos tambem deixar ficar por mentiroso o funesto vaticinio.

Quem se confrangia com a supposta rudeza do filho era a afflicta mãe, cujo affecto pôdia ancian, mas não antever, que o

estudo livre e voluntario faria mais do mancebo em poucos mezes, do que muitos annos de licções e de rigores. As censuras e prophcias doutoraes do mestre eschola, irritado no orgulho pedagogico, juntavam-se, para acerar a sua tribulação, as caridosas apreciações dos visinhos, que todos em voz unanime, e meneando a cabeça com um gesto melancholico, repetiam como aforismos inconcussos os juizos temerarios do sr. Manoel Corval.

A verdade é que na puericia Gomes de Amorim prometia pouco. Não tinha agudezas, ditos engraçados, nem facilidade de aprender. Elle proprio o confessou. Os seus talentos, aliás variados, assignalavam-se em outras applicações. Inventava todos os dias um pretexto novo para escapar á aula e á ferula implacavel. Atirava á pedra com uma certesa digna dos fundibularios romanos. Não conhecia emulo na grande arte de apanhar os passaros a laço, e na corrida disputava o premio aos mais veloses. A estas proesas uniam-se algumas prendas menos inoffensivas. Trepava ás arvores, vindimava as uvas, e arrombava as paredes dos cerrados aos visinhos. Um d'elles, victima de um desabamento instantaneo, não podendo colher o réo, cuja ligeireza zombava de seus passos entorpecidos, vingou-se, dando-lhe piparotes na sombra, e exclamando, que ainda havia de vel-o acabar em salteador de estrada. Deus se compadecesse do lunatico propheta por sua alta misericordia! Mas teye desculpa. Nunca houve dôr igual á sua dôr, quando, apar dos destroços do muro, contemplou depenada dos melhores cachos a cepa, que era o seu enlevo!

Não insistiremos, narrando as providencias correccionaes, suggeridas pela cholera dos proprietarios espoliados das mais formosas peras e dos mais gulosos figos á pobre mãe. Aconselharam-a a que fizesse gente do filho, e o arrumasse; e um lavrador e um cordoeiro mais lesados, ou mais impacientes, encarregaram-se, vaidosos, e não felizes, de conter no redil a ovelha desgarrada. Ambos perderam a demanda! O poeta aborrecia as artes de Triptolemo, não percebia o sublime ideal da nabica e do repolho, e detestava de todas as veras da alma a roda nada mithologica de tecer as cordas. Antes a palmatoria do sr. Manoel Corval, cuja infalibilidade exultava com as repetidas provas da indole indomita do discipulo não amado! Quem quizesse encontrar o estouvado trasgo de aldeia, ou havia de apanhal-o a cavallo nos troncos de alguma arvore carregada de fruta, ou vel-o partir de corrida até á crista dos rochedos para admirar de lá as azas brancas de um navio, voando sobre as ondas, ou os picos an-

nuviados das serras de Barroso e de S. Felix. N'esta occupação para elle unica esquecia almoço e jantar, mestres e parentes!

Crescia a pobresa, entretanto, e sua mãe decidiu-se a deixar partir o filho mais velho para o Brasil ornado de todos os dons, de que soubera enriquecel-o a aula de primeiras lettras. A familia quiz assistir ao bota-fóra, e encaminhou-se de Avelomar ao Porto. Era tal n'esses dias o aperto de meios, que o poeta pediu emprestadas as calças de um visindo, e ainda hoje se accusa de lhas não ter restituído, caso serio, e de eterno remorso. O que é certo é que, resolvendo-se de repente a acompanhar o irmão, e partindo com elle, as calças viram mais mundo, do que seu dono contava seguramente que ellas vissem.

## II

Noticias falsas, ou exageradas, ácerca das enormes riquezas do Brazil, desvairavam a esse tempo os mancebos do Minho, Era o visco, de que se valiam os caçadores de homens brancos, para arrastarem, como rebanhos, ás praias do imperio transatlantico as victimas de suas torpes especulações. Manuel Amorim fôra um dos seduzidos, e o nosso poeta, nas frequentes visitas a bordo do navio, que havia de transportal-o, tentado pelos aliciadores e pela sua phantasia ardente, em breve cafo tambem na rede. Custou-lhe a arrancar a licença apetecida. As entranhas de sua mãe rasgavam-se com a magoa de ter de dizer ali adeus por tanto tempo aos primeiros fructos do seu amor. Os parentes resistiam; e alguns compatriotas oppunham-se, generosos, ou esquecidos das paredes derrubadas, das arvores torcidas e das hortaliças e searas pisadas pelo rapaz travesso. Por fim a pertinacia do moço aventureoso venceu a ternura assustada. Não houve remedio. Foi preciso deixal o partir!

A viagem tornou-se arriscada. A fome, a séde, as calmas, e as tempestades juntaram todos os seus tormentos para darem ao viajante inexperiente a amostra do que o esperava na terra estrangeira, que de tão longe vinha buscar. A embarcação aferrou o porto de Santa Maria de Belem no Pará. Apenas desembarcaram viram-se logo formados em turmas no caes da alfandega os emigrados voluntarios, e começou para elles o desengano completo das illusões, que os attraíam. No meio de uma multidão de gente de todas as côres giravam alguns brancos, rindo, chasqueando, e inventariando a mercadoria. Era

a praça dos escravos portuguezes que se abria para substituir a praça da raça negra! Gomes de Amorim, atônito, contemplava aquelle espectáculo, via os seus companheiros desaparecerem uns apóz outros, e ainda não acabava de perceber que estava alli para ser vendido. Um contractador levantou-lhe a cabeça pendida de tristeza sobre o peito, e mandou-o fallar! Um preto aproximou-se, e perguntou-lhe o nome, acrescentando se queria servir-o? Uma figura ignobil, rota, e descalça, carregou-lhe por mófa o bonet sobre os olhos applaudida pelos apupos e algazarras dos que a rodeavam. Ao cabo um comprador mais apressado disse duas palavras ao capitão do navio, que em pessoa ajustava o seu negocio de carne humana, e ordenou ao irmão do poeta, que o seguisse. O pasmo e a afflicção nem consentiram que os dois se despedissem. Arrancaram-os dos braços um do outro, e Manuel foi estrear a sua nova carreira, guardado com tanta vigilancia, que em uma cidade pequena só no fim de seis mezes soube o poeta que elle existia e aonde trabalhava.

Gomes de Amorim, quasi só, e olhado *como refugio* pelos entendedores, nem animo tinha para chorar. Separado por milhares de legoas de quantos amava, ou conhecia, entrava nas amarguras do desterro, aos dez annos de idade, pela porta mais dolorosa e que mais fere o coração, pela porta do captivo. Passadas horas chegou-lhe a sua vez tambem. Achou senhor! Um homem trajado de pardo, afagou-o com brandura, e disse-lhe que o acompanhasse. Saltaram-lhe então as lagrimas, as primeiras lagrimas de homem, que o infortunio exprimia de olhos, aonde até ahí só tinha rido a malicia pueril. Sentira a desgraça, affirma elle, no prologo do seu livro dos *Cantos*, do qual colhemos estes traços biographicos, mas não a vira. Agora, que a tinha junto a si, e que o seu peso lhe acurvava a alma, é que entendia e apreciava a miseria da sua posição!

Criança desamparada, a saudade, a memoria dos carinhos perdidos, e da patria distante tornavam-lhe pungente e terrivel aquelle momento, em que lhe lançavam aos pulsos os ferros mal disfarçados da servidão. Mas não havia que escolher! Banhado em prantos obedeceu, e sem saber para onde, seguiu o novo amo. Chamava-se este José Maria Fernandes, e mereceu pela sua bondade, que o poeta se recórdasse d'elle com gratidão.

O tempo tudo gasta. Amorim cedo voltou á descuidada alegria propria dos annos de pouca reflexão. Caxeiro na loja de

Fernandes, tão rápidos progressos adiantou dentro de um anno, que, sem vaidade podia olhar-se como o açoute e o flagello dos freguezes do estabelecimento, que a palmatoria infatigavel do proprietario nem sempre resguardava das manifestações violentas do seu patriotismo juvenil. Os pezos das balanças, os copos, e as garrafas voavam despedidas ás faces dos agressores, pretos, ou mulatos, e nos lances duvidosos uma sorriada de pedras, puxada com a pericia adquirida nas campanhas mi-nhotas, rematava a derrota dos mais recalcitrantes. Os vãos d'este heroismo subiram tão alto, que o patrão perdeu de todo a paciencia. Um servo elegante e almiscarado, mas atrevido, do presidente da provincia desafiou com um dito grosseiro as iras faceis do bellicoso caixeiro. A correcção foi prompta. O poeta puniu-o por onde peccava mais. A colher da manteiga, enorme e carregada, barrou-lhe a cara com tal certesa, que parecia mascara adaptada ao rosto para lhe tirar o busto. Ao mesmo passo um barrete de gordura cubria-lhe os cabellos frisados, e uma mordaca de nova especie affogava-lhe a voz. Desatinado e cego o infeliz tractou primeiro que tudo de libertar os olhos, e apenas os pôde abrir rebentou como um raio pela rua fóra, direito ao palacio, que servia. Fez ruido a scena comica, o presidente exigiu a desaffronta do lacaio, e Fernandes, apoz um castigo exemplar, que não amaciou a cholera do rancoroso magistrado, tractou de ceder sem demora os serviços do moço turbulento a algum visinho. Mas a reputação de Amorim chegára longe! Os mercieiros e logistas sobresaltados tremiam só de lhe ouvir o nome, e nenhum queria ver-lhe nem a sombra ao baleão de sua casa. Para o accommodar foi necessario procurar-lhe um estabelecimento no extremo opposto da cidade, depressa immortalizado por aventuras iguaes, de que se lembram ainda os patriarchas do commercio.

— Já fazer os doze annos, e não sabia ler. Envergonhou-se da ignorancia, e em poucos mezes de applicação venceu-a. A primeira obra, que o acaso lhe abriu diante dos olhos foi a «Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França.» As proezas dos paladinos, os requebros da formosa Floripes, as furias do Almirante Balão, e as gloriosas cutiladas de Durindana extasiaram-o. Quiz auditorio, que o acompanhasse na admiração, e recrutou-o. Apenas o amo se ausentava uma pinha de pretos, de tapuios, e de mulatos, suspensa dos labios do leitor, applaudia com elle o valor de Oliveiros contra Ferrabraz, e pranteava em berreiro tragico a heroica morte de Roldão em Roncesvalles. A leitura era n'esses dias fructo defeso no Pará, e por isso mesmo



saboroso. Amorem por indole indocil aos caprichos tyrannicos, estudando, vingava-se do odio geral dos mercadores á letra redonda. Dentro de algumas semanas decorou e recitava todas as outavas dos «Lusiadas», primeiras licções de historia e de poesia, que tomou. É força confessar que o mestre não podia ser melhor.

Aborrecido da vida de caixeiro jurou deixal-a, e seu irmão e um primo, de que era hospede, debalde teimaram por tornarem a sujeital-o. Convencidos de que luçtavam em vão propozeram-lhe outras carreiras — a de artista, a de padre, a de medico, ou a de advogado, obrigando-se a correrem com as despezas necessarias. Rejeitou-as todas. As grandes florestas estavam proximas, e ha muito que elle se sentia como assaltado da nostalgia das selvas, e que ardia em impaciencia de percorrer livre aquellas solidões, cujos perfumes acres nas azas da briza nocturna o convidavam de perto. Via n'ellas, exclama elle, a patria do seu pensamento, a terra de eleição com que sonhára. Decidiu-se. Um dia de madrugada embarcou em uma canôa e partiu para o rio Xingue.

Apenas entranhado nas mattas virgens achou-se no seu reino, no imperio de sua phantasia. A onça, o tigre e o tamanduá não o espantaram. As serpentes, os jacarés, os gentios de todas as raças ainda o assustaram menos. Costumou-se á sua presença. A existencia, os festins e os costumes barbaros transformaram-o quasi em um dos heroes de Cooper. Trocou a espingarda pela frecha, o idioma natal pelo dialeto dos jurumas, ou pela lingua dos tupis, e em breve a vida fragueira bronzeou a sua côr, tornando-a quasi semelhante á dos tapuios. Esqueceram-lhe os livros e só repetia mentalmente uma, ou outra estancia de Camões, quando espreitava com o arco retezado e a tachoára em punho a passagem da anta ou do veado.

Depois de vaguear um anno inteiro pelas matas e cachoeiras do Xingú subiu o Amazonas, e veio completar os trese annos de idade ao seio da linda e viçosa villa de Alemquer asentada na orla de terra banhada por um braço do immenso rio, entre os grandes lagos Curumurú e Surubiú. Foi ahi, em casa de uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado de folhas de bananeira, que entre quatro, ou cinco livros velhos, encontrou e leu pela primeira vez o admiravel poema de Camões, por Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

A sublime elegia dos infortunios do grande cantor fez da

creança errante um homem, e do homem um poeta. A vocação adormecida despertou com as harmonias divinas do verso. A alma abriu de repente os olhos, e a natureza appareceu-lhe outra e mais bella. O canto das aves, o murmurio das aguas, o gemido da briza, entre as flores, os seus gemidos por entre as copas das arvores gigantes, soavam-lhe nos ouvidos, afirma elle, com melodias tão novas e deliciosas, que pasmava de si e de tudo o que o cercava. Rios, lagos, selvas, montanhas, e ceus, vestiam gallas e descubriam esplendores, que até ahí não percebera. Uma voz occulta traduzia-lhe estas sensações raras e quasi magicas em palavras vagas e incoherentes. Adivinhava não aprendia. A revolução fazia-se dentro d'elle e fóra d'elle. O seu espirito enchia-se de luz. O dom da revelação poetica descia sobre a sua fronte, dissipando as trevas da idade e da educação. A musa chamava-o e sorria-lhe do fundo das florestas. Encontrava-se em fim com o seu destino. D'ahi em diante ia trilhar sem hesitação a via dolorosa dos que Deus sagrou interpretes das maravilhas da criação e dos mysterios do sentimento!

Em uma carta escripta a Garrett, com a singelesa dos primeiros deslumbramentos, Amorim retratava-lhe esta sua agitação e perguntava-lhe se ella seria indicio de engenho captivo, que desejasse soltar-se e voar? A carta gastou largo espaço em baixar das vertentes dos Andes e em atravessar o Atlantico. Alcançaria resposta? O oraculo consultado a tantas mil leguas de distancia fallaria? Garrett era grande em tudo. No fim de dous annos e meio, em 1844, Amorim recebeu no Pará a boa nova da sua vocação, firmada pela penna do mestre. O grande poeta consolava-o, e animava-o! Estendia-lhe a mão, e dizia-lhe que tivesse confiança! Divulgou-se a noticia, quizeram muitos ver essas linhas do punho do cantor adorado quasi como um semi-deus em todo o Brazil. Os incredulos emudeceram, e os que antes se tinham rido das travessuras da puericia indomita do obscuro caixeiro converteram-se em seus admiradores. Invejavam-lhe como benção aquellas letras, que lhe fallavam do futuro e das grandezas do espirito.

A sorte estava lançada. Gomes de Amorim já não cabia na terra do desterro. Resolveu voltar a Portugal. Queria admirar de perto o homem, cuja gloria havia mais tarde de lançar um raio de luz sobre elle, estimando-o como amigo, e honrando-o como poeta. Não ignorava que novas provações e fadigas o aguardavam na patria, e que para as promessas do mestre se cumprirem carecia de envidar todos os poderes da vontade, resigna-

do aos mais arduos sacrificios. Recolhia-se pobre e sem protecções, como partira. Dos sonhos d'ouro, que o tinham arrancado ao ninho querido de sua infancia a unica riqueza que trazia era a esperança!

(Continua)

L. A. REBELLO DA SILVA.



do aos mais arduos escriptores. Recolhe-se polve e sem protec-  
coes como pallas. Dos sonhos d'ouro, e do tabaco, e das  
de ao mundo perdido de sua infancia a unica riqueza que ha

# O VÉO

A Ernesto Biester



ive apenas um amigo na infancia.

Sinto abrir este conto com a minha personalidade; e, sem pertenções a *humorismo*, nem a estyllo digressivo, conheço que a pessoa de um auctor inculcando-se na sua obra produz o effeito desagradavel, que o senso esthetico profundo de João Paulo nota no quadro em que o pintor collocasse tambem a palheta, o cavallete e os pinceis. O valor da personalidade nada é; os antigos comprehenderam-n'a perfeitamente, quando deram o nome de *persona* á mascara que o actor trazia para reforçar a voz. A personalidade que se toca, serve para o trato da rua; a individualidade, o character, revelado na vontade, são para o livro, são o livro. Antes porém de fechar este parenthesis ahi vão algumas linhas sobre a pessoa do meu unico e primeiro amigo, um *alter ego*, um *fidus Achates*, como diriam dois estudantes de selecta. Não nos demos de repente. Tinhamos o mesmo nome de baptismo, faziamos annos no mesmo dia, começámos a poelar ao mesmo tempo; a afinidade electiva entre nós não provinha d'estas coincidencias; nunca reparámos n'ellas, era uma amizade de ter-

ror, respeitavamo-nos. Na eschola fóramos sempre antagonistas; quando passámos a estudar latim, ficámos surprehendidos ao vermo-nos amarrados ao *hora, horae*. Ainda os mesmos desforços, o mesmo orgulho. Então já nos consultavamos, sobre alguma duvida de syntaxe, como de potencia a potencia. Mais tarde encontramos sobre o mesmo banco a ouvir as prelecções estupidas de logica, a logica que nos havia tornar maus, capciosos, ergotistas. Já nos não temiamos, eramos amigos, tinhamos necessidade um do outro. Depois vieram as confidencias estreitar mais esta affeição. Foi elle o primeiro que as fez. Não sei se era amor, compaixão ou cynismo a primeira aventura que me contou. Era assim:

«Eu tive uma prima, não sei em que grau, culpa das subtilesas canonicas. A pobre creança possuia uma morbidez voluptuosa no olhar, não os tirava de mim. A côr morena dizia tão bem com as linhas nitidas da physionomia arabe, que ella sabia animar com um ar doloroso de uma melancholia expressiva, que se lhe reflectia na face! Eu ficara orfão de mãe, e costumara-me a brincar sósinho; ella procurava-me na minha solidão, sentava-se junto de mim, o seu olhar incommodava-me. Tinha medo de fugir-lhe, doia-me esta indifferença; para disfarçal-a trepava acima das arvores carregadas de fructos do pomar onde passavamos o verão, e de lá deixava cahir aquelles que mais se douravam com os raios do sol de agosto, os que me expunham a maiores riscos. Ella aparava-os no regaço com a affabilidade com que se queria associar aos meus brinquedos.

«A final ella teve vergonha de mim, corava, escondia a face entre as mãos, ficava pensativa e depois fugia-me. N'este tempo contava eu algumas lições de desenho; os meus arabescos tinham uma frescura de innocencia, uma rudeza que parecia uma criação pura da idade media. Eu tinha a monomania de delinear cabeças. Não sei quem me pediu que fizesse o retrato d'ella. Fil-o. O acaso deu-lhe uns longes de similhança, tive vergonha da verdade; quando ella me agradecia com um sorriso timido, eu rasgava o papel com a crueldade de uma creança que brinca. Não a tornei a vêr n'aquelle dia, escondera se a chorar. Eu não tinha culpa d'esta frieza brutal; a falta de carinhos perdidos logo no berço, a verdade d'aquelle verso eterno de Virgilio:

*Est mihi pater domi et injusta noverca*

tornaram-me taciturno, incredulo antes de tempo. Às vezes obrigavam-me a brincar com ella. Uma vez fomos todos banharmos no Atlantico. A pobre creança tambem foi. As marés eram gigantes; aquelle dia era para mim de um orgulho immenso, gostava que me vissem nadar; era uma superioridade que tinha. O acaso seguia-me o desejo. Uma onda envolveu no seu marulho a infeliz Branca; no refluxo levou-a comsigo. Desfal-leceu de susto e foi levada pela vaga, como Ophelia na corrente. Quem sabe se ella no seu coração tecia alguma corôa para mim.

«Abracei-a pela primeira vez, impellido por uma força interior; sustive-a nos braços, estava fria, pallida. Quando abriu os olhos teve vergonha de mim; era já o pudor de senhora. Trouxe-a sem custo para a praia, e continuei a brincar no dorso da vaga, que se encapellava. Era o meu primeiro passo para homem.

«N'esse mesmo dia brincámos, jogando o *anel*, um divertimento pueril, de que ainda tenho saudades. N'este folguedo de creanças o que tem o *anel* é sentenciado pelos demais a levar beijos ou abraços ou dal-os, segundo o capricho. Tinha o *anel* a filha de um feitor que brincava comnosco, Martha, uma rapariga de uma candura estreme. Branca pediu-lhe em segredo que ao percorrer a roda deixasse cair o *anel* entre as minhas mãos. Assim se deu. Um perguntava o que se promet-tia a quem tivesse o *anel*. Cada qual se lembrou de uma prenda innocente, e insignificativa; Branca prometeu um beijo e um abraço muito apertado.

«Eu não devia contar-te mais, porque sou infame! Este beijo perdeu-a para sempre, como o beijo de Paulo e Francesca di Rimini. Branca foi crescendo, tornou-se formosa á luz de uma esperança fugitiva, como a flôr de um vaso, quando recebe ao estiolar-se o calor ephemero do ultimo raio do sol da tarde. Quando ella me sorriu, e córou de sua queda, sorri tambem por compaixão, illudi-a. O que havia de fazer se era tão creança, e queria divertir-me, gosar o mundo?

«Uma vez tinha eu voltado pela ante-manhã de uma festa devassa. Dormia a somno solto prostrado pela fadiga, saturado da bacchanal desenfreada. Senti uma mão fria passar-me de leve nas faces, acordei.

«Era ella! Estava desmaiada, como a vi uma vez ao luar silencioso, com uma côr que lhe realçava a candura, e disse-me:

— «Vim vêr-te na despedida do tumulo. Desde que adoeci

nunca mais me appareceste. O esquecimento é frio e pesado como a lagem do sepulchro. Eu não queria dizer-te isto, não quero magoar-te. Olha, hoje acordei de um sonho tão lindo! Deus deu-me forças para levantar-me do leito e vestir-me de branco para vir contal-o a ti só. Como não choraria minha mãe que me vela se o soubesse! Não sei se velava, se dormia; minha alma parecia voar, suspensa n'uma como harmonia vaga, quasi imperceptivel, confundia-se com ella até perder-se no céu. Acordei de subito; restava-me só a illusão. Olhei em roda; a alampadasinha tornava a solidão saudosa, augusta; mysterioso o silencio do meu quarto. Comecei a lembrar-me de ti, dos passados tempos; estava já na terra. Foi quando descobri a meu lado uma apparencia angelica, a falar-me de mansinho uma linguagem que eu mal entendia: que o Senhor o enviara para chamar-me. Eu não pude voar, voar com elle, e sinto agora que a alma me foge, venho dizer-te adeus.

— E o que lhe respondeste? — Elle continuou:

«Disse-lhe que os sonhos mentiam sempre, que elles a matavam. — «Não são os sonhos que me matam, gemeu a desgraçada, é a realidade, a realidade. Bem o sabes, e Deus que tudo vê. As recordações são para mim como um remorso. Que noites, que vigílias inteiras a pensar em ti! cada palavra tua, que eu decorava, era um poema de amor e esperança; ao repetil-as na mente ellas diziam-me quanto a alma anceava, e mais ainda, mas enganaram-me sempre. Lembras-te d'aquella noite? Oh! meu Deus, meu Deus. Não sabes quanto me fizeste soffrer! Não conheceste a profundidade do golpe quando o descarregaste. Disseste-me essas palavras só para perder-me. É impossivel que isto não te dôa? Quando me appareceste n'aquella noite era o luar tão sereno, tudo confidenciava comnosco. Estava adormecida quando appareceste. Depois de me estreitares nos braços e beijares as faces geladas pelo rociar da noite, porque te sorriste de um modo incomprehensivel? Descobriste-me que não casavas commigo, que outro havia polluido a minha candura! Era uma blasphemia torpe. Deixei-me cair em teus braços, sacrificando-te a virgindade para que a reconhecesses. Desde essa noite não me tornaste mais a amar. Illudiste? Porque assim me fugiste? Não respondes? Uma lagrima só rehabilitava-te deante de Deus. É tarde, muito tarde. Vim só para despedir-me e perdoar-te. Adeus.»

— E tu que lhe respondeste?

«Voltei-me sobre o outro lado, e continuei a dormir.»

— Continúa.

«Foi um pezadello atroz aquelle somno. Julgava-me n'uma orgia immensa, na hora ominosa do sabbath nocturno. Um bando de mulheres volteava reunido em uma coréa desenvolta, n'um tripudio infernal ao redor de um carvalho lascado pelos raios que se cruzavam a espaços na solidão e escuridade absoluta da noite. Dançavam como possuidas do mesmo furor, que inspirava o corno de Oberon. Quando eu ia mais arrebatado pelos requebros voluptuosos, enlaçado a um par ligeiro e flexivel, senti um leve suspiro a meu lado, que se perdeu nos ares. Era como o segredo de uma magoa que eu bem conhecia. Parei. Adormecêra a ler uma ballada dos peregrinos do Rheno, contada por Bulwer. Junto a mim descobri uma figura de mulher linda, etherea. O semblante tinha a serenidade de uma grande agonia que cauterisa, uma tristeza mais vaga que a impressão de saudade que a lua desperta quando se reflecte n'uma lagoa quieta. Era como um seraphim quando chora. Não pude olhal-a; a candura do seu antigo amor exprobrava-me o cynismo. A viração que ciciava não repetiria tão brandamente o que ella disse:

— «Não sabes como te amo ainda além da campa! o gelo do sepulchro não podia apagar o fogo em que os teus olhos me abraçaram. Esqueci o teu desprezo para perdoar-te. Para que havia ter mais esse flagicio na eternidade? Que destino, que felicidade a nossa, que regosijo no céu, se não houvesse ludibriado este amor! Nossas almas absorver-se-hiam na essencia de um anjo, enlevadas n'um sonho de harmonia, até despertar no empyreo. Assim precipitaste-me na mansão das penas e soffrimentos, onde o meu espirito se apura. O amor terreno tenho-o expiado no fogo. Vês este cendal de alvura transparente? estava quasi a tornar-se brilhante de gloria! Pedi ao meu Deus este momento tão breve para poder ver-te agora; o goso fugitivo de contemplar-te, a esperanza de te achar triste, scismando em mim com pezar e saudade, a troco de mais cem annos de novos soffrimentos! Cem annos mais, depois de te encontrar nos braços de outras descuidado, rindo descuidado n'uma orgia dissoluta. Oh, mas eu não sei senão perdoar-lhe.»—E desapareceu-me, continuou elle, como um meteoro fugaz, quando passa nos céus, e deixa apoz si um rasto luminoso. Acordei.

«Em casa ouviam-se gritos, alaridos, como de um successo repentino e funesto. Fui a vér. Disseram-me que Branca desaparecêra. Cheguei a convencer-me da verdade do sonho, que um anjo a levára comsigo. Perguntei debalde. Passou-me pela



mente um pressentimento horrível. Branca costumava ir sentar-se sobre uma rocha que se debruça sobre o mar, e em cujas furnas as vagas restrugiam com um stridor surdo, como o aneio do ultimo esforço n'uma luta desigual. Protegida pelo nevoeiro da madrugada, mais veloz que a ondina da mythologia slava, a pobre fôra saciar os pulmões ralados da febre lenta que a devorava. Houve quem a visse dependurada na aresta dos fragedos, o véo branco que levava fluctuar ao vento, como n'um adeus de despedida. Ella sentira n'esse instante a atracção do abysmo, lembrou-se d'aquella tarde de agosto, em que eu a salvara, trazendo-a com um abraço á vida; quiz morrer com a recordação mais doce que levava do mundo. Precipitou-se. E o mar continuava sereno e manso, como a embalar-lhe o seu ultimo somno.

«Comecei então a sentir uma paixão por ella, depois de morta; se a terra a tivesse escondido, eu a iria arrancar ao repouso sagrado da sepultura, beijal-a, animal-a com o fogo do meu delirio, despedaçal-a n'estes braços convulsos, e cair com ella. Queria sentir bem junto do peito o contacto gélido de um corpo que eu tantas vezes apertei, de umas faces que eu devorava, quando ella se dava toda aos caprichos da minha vertigem. Havia n'este amor um pensamento desvairado, um tanto de selvagem, de brutal; impellia-me uma inquietação continua, sentia em mim um como ranger de puas do remorso, a voz que interroga Caim. Fugia, não queria consolações. Eu ia sentar-me tambem na rocha escarpada, a vér o mar, procurava a serenidade que me inspirava a contemplação do sepulchro da minha amante. Vinha visital-o, á busca d'esse alivio de que fala o poeta do Oriente.

«Haviam decorrido já tres dias, não se vira mais o corpo de Branca; o mar queria-o para si, mas eu tinha uma vontade de ferro, absoluta, o desespero de tornal-a a ver linda, rôxa, núa, desfigurada. Era o mais que podia soffrer. Ía a maré na vasante, era no fim da tarde, as ondas gemiam brandamente no areal deserto, as virações da noite sopravam frias, humidas das bandas do poente. Quando descí da rocha alcantilada, encontrei inesperadamente o corpo de Branca deitado na area. Era uma creança descuidada, adormecida; a onda que a tinha despido para namorar-lhe a alvura do seu corpo viera deposital-a na praia. Ía a precipitar-me sobre ella, unil-a a mim no frenesim d'essa loucura. Tive medo! recuei sem encaral-a. Temia profanal-a com a vista, estava núa, estendida ao longo, com os olhos no céu, como pedindo á noite que viesse recatal-a no

seu manto de sombras. Quando tornei junto d'ella com o lençol para a envolver, senti uma ancia do passamento, a lucidez de quem entrevê a eternidade: conheci que o cadaver de Branca se voltara sobre o peito, furtando á vista hallucinada o verticello pudibundo da flôr que eu fizera pender sobre o caule e cair emmurchecida.»

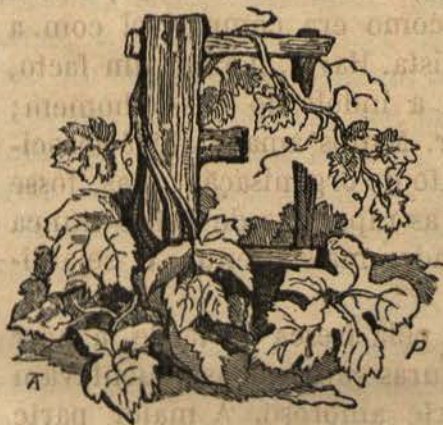
Não tive coragem para lhe pedir que continuasse.

THEOPHILO BRAGA.

## CARTAS OBSCURAS

A Ernesto Biester

MEU CHARO AMIGO



is ahí vai uma historia:

O sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem. Digo isto em absoluto porque creio tanto nas milesimas encarnações da prosa como os indios nas do deus Brahma. Nascera elle n'uma villeta do Minho, viera para o Porto descalço e fora para o Brasil de soccos. Resumia-se n'isto todo o passado conhecido do sr. Esperidião.

Trinta e dois annos depois de se haver aliciado como colono, voltou para o ninho paterno, implumado e farfalhudo como um gallo, (salva a respectiva crista).

Enjoado até o tedio da afadigosa labutação mercantil, labutação que lhe gastara a melhor parte da vida, mas que lhe dera em estorno algumas dezenas de contos de réis, o nosso homem comprara uma linda vivenda em Bellas, e fora para lá refocilar

com uma creada, preta e velha, digamol-o em abono das virtudes domesticas do sr. Esperidião.

Quanto a idade estou que, bem deitadas as contas, devia de orçar já pelos seus cincoenta; mas os pomos das faces de um rubicundo tirante a maçan bemposta, a faceira em refegos luxuriantes, o sorriso alvar que de continuo se lhe esparralhava no semblante, tudo isto lhe dava um certo quê de meninice engraçada, e até mesmo apetitosa.

Disse que o sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem, e creio que não fui exagerado. O chatinar constante obsecaralhe todos os instinctos generosos. Viver era especular; o proveito, em qualquer das suas manifestações, era para elle o idolo supremo. Esta philosophia tinha multiplicadas variantes, mas todas vinham a disparar no principio estabelecido. Ora eu não o censuro por isto. Se nós começarmos a descascar, com a impiedade dos materialistas, quanto por ahi tem justissimos foros de poesia e de espiritualismo, chegamos incontestavelmente á pavorosa conclusão do sr. Mattos, isto é, que o homem vive de pão e de confortos, e não de imaginações ou de idealidades. A ólha cazeira affigurar-se-nos-ha valendo mais que os versos de Lamartine, uma cabidela succolenta parecer-nos-ha exceder todos os cartões de Raphael, e as camisolas de flanela farão o desprezo do 4.º acto do *Propheta*.

O sr. Esperidião de Mattos via as cousas d'este modo, não a uma luz clara e brilhante, mas como era compativel com a vista curta de um minhoto epicurista. Havia, porém, um facto, que contrastava abertamente com a indole do nosso homem; era a tendencia para o amor. O sr. Mattos amava até á ferocidade. Havia n'isto, por força, defeito de organisação; mas, fosse qual fosse a causa, o certo é que as raparigas de Bellas nunca tinham visto em sua vida galanteador mais strenuo, e, seja dito á boa parte, mais ridiculo.

Quando o nosso Lovelace sahia, pela fresca da tarde, a fazer o seu passeio hygienico, as formosuras campesinas aguentavam o fogo vivissimo d'aquelle baluarte amoroso. A maior parte ria-se do sestro concupiscente do sr. Esperidião, mas algumas havia que tiravam d'alli substancia para edificarem muitos castellos de vento, e para planearem o que poderia ser para ellas a existencia, se acaso o provinciano puxasse a terreno menos escabroso as suas inclinações eroticas. Os sonhos dourados do matrimonio desabrochavam, então, n'aquelles espiritos innocentes.

Entre todas as que affagavam esta idéa luminosa, a menina

Gertrudes mostrava-se sobre modo preocupada. Gertrudes tinha dezenove annos, e era filha de um fazendeiro do sitio. Podia dizer-se baixa e um pouco rechonchuda de fórmas; mas ninguem viu ainda dois olhos mais impressivos, faces de uma côr de rosa mais transparente, e, sobre tudo, bocca mais tentadora.

Se eu tivesse a musa deslavadamente assucarada do cantor da *Marilia de Dirceu* é crível que dissesse a este proposito:

«Ah soccorre, amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os astros, voa,  
Traz-me as tinctas do céu!»

Mas as tinctas do céu não se desfazem bem na minha palheta, e eu tenho de me remediar com as que se encontram por este mundo de prosa e de *clubs photographicos*.

O que digo, em resumo, é que Gertrudes pensara em explorar as inclinações amorosas do sr. Esperidião, e em tirar d'ellas o maximo proveito. Pela sua parte o provinciano olhava-a com melhores olhos do que a qualquer das outras raparigas, e isto já era para ella de uma vantagem decidida. Em que differiam as tenções dos dois namorados? — no ponto mais importante. O amor do sr. Esperidião era sensual, e o de Gertrudes especulativo; aquelle amava para possuir, e esta para engrandecer-se. De origem damnada provinham ambos igualmente; mas o caso é, que, apezar d'isso, as cousas foram seguindo pelo mais bem posto de todos os caminhos.

Corria o tempo, o amor dos dois estava formalmente declarado, o magote das pretendentes retirava-se em boa ordem, deixando o campo livre á menina Gertrudinhas. É verdade, que, na retirada, alguns tiros haviam sido desfechados sobre ella; mas o fogo era de guerrilhas: nem um batera no alvo. E não batera, digo eu, porque as lambarices e os aleives que o despeito ensinara áquelle côro de maldizentes eram immerecidos e injustos.

Isto não é fazer-me campeão da namorada do sr. Mattos; nem elle nem ella m'o agradeciam.

Eu digo as coisas como se me affiguram, ou como as sei de sciencia certa. Lá porque sublimava o romance derrancar uma virtude ou beatificar um escandalo, não serei eu que hei de commetter similhante desacato. O dilemma de *Hamlet* é, para todas as coisas, a minha norma imprescriptivel. Ser ou não ser, luz

ou treva, anjo ou demonio, lyrio ou cogumelo, Alexandre ou Cartouche. Quando estas *torres eburneas* de honestidade me apparecem por encanto, intendo que devo espargir-lhe em roda algumas flores, em vez de as escalavrar com uma pedra. Outros pensarão melhor do que eu; cada qual tem a sua philosophia independente.

Este arrasado faria muito melhor conservando-se na massa encephalica, com varios outros de egual jaez que por lá me andam amontoados; mas ás vezes uma pessoa começa a escrever na melhor fé que ha no mundo, absorve-se pouco a pouco, o *eu* que se pilha fóra do *eu* deita-se a cabriolar por ceos e terra, perde-se o tempo e o azeite, e quando o misero escriptor julga ter mettido uma lança em Africa, deu apenas com os focinhos n'um sedeiro. D'estas é que não se livra nem o mais pintado, quer seja Sancho ou Martinho; a não ser que minta o *quandoque bonus...* em que toda a gente por ahí falla, sem nunca ter visto Horacio nem d'esquelha.

Trez mezes depois do que fica'narrado n'esta viridica historia, por signal que era em dia de S. João de Capistrano, aos 23 de Outubro de 1857, os nubentes Esperidião de Mattos e Gertrudes Corrêa contrahiam o santo sacramento do matrimonio.

Tanto um como outro estavam radiantes de felicidade. N'essa tarde houve banquete opiparo, convidados arredo, e murmurções por dá cá aquella palha. A festa espaçou-se até á noite, seguio-se a dança, o chá, os bolos, as fatias torradas, os copinhos d'orchata, as semsaborias a meia voz, as tolices em voz alta, e as considerações gravemente immoraes feitas por varias tias velhas, e primas da mesma idade, a propozito dos noivos que coixavam a um canto da salla.

Quando era meia noite as visitas começaram a debandar.

Silencio! Não perturbemos o amor que<sup>adeja</sup> em torno da venda do sr. Esperidião. O thalamo dos noivos libra-se nas ondulações do éther, e no vapor suavissimo das magnolias; illumina-o o clarão ideal da bemaventurança, e resoa-lhe a musica das esphas. Os anjos quando passam afrouxam o vôo rapido, e suspiram; as estrellas scintillam mais vivas, e banham de luz mysteriosa as discretas vidraças do templo. Do thalamo ao paraíso só dista um passo; é ahí que crescem as rosas do praser, e que o extaze embalsama as auras voluptuosas!

Se o leitor não comprehendeu coisa alguma de todo<sup>este</sup> palavriado, dir-lhe-hei que não sabe o que é poesia do estylo; mas eu é que não me ponho agora a explicar-lhe em proza de juiz eleito o que, sem vaidade, me saiu na melopéa dos deuses. De-

pois, se não houver quem de vez em quando tome o trabalho de enchouricar a linguagem patria, estamos caídos na fluencia do padre nosso; e eu delesto a fluencia, comprehende o leitor? Escrever que todos intendam é a coisa mais semsaborona d'este mundo. É preciso nobilitar o palavrão hydropico e rebarbativo, o palavrão dos sermões de canastra e dos dithyrambos de Curvo-Semedo; é preciso dar-lhe carta de conselho, fazel-o moço fidalgo, socio da academia, critico, sobretudo, e arrasar pelo calcez quanto cheira a naturalidade e a senso-commum. Só assim poderemos passar da cepa torta; d'outro modo duvido. *Dixi.*

Seguiam-se os mezes, o Sr. Esperidião parecia não caber em si de contente, Gertrudes deixara o modesto vestido de chita para se engalanar de seda. Quando aos Domingos sahia a passear com o marido, era para ver a sobranceria com que olhava de revez para as suas antigas companheiras. Coitada! era tambem o seu unico defeito. Se lhe tirassem este chumaçosinho de vaidade, ficava a mais guapa de todas as créaturas. Os primeiros tempos de noivado deslisaram como um mar de rosas. O provinciano passava os dias na mais insulsa das bemaventuranças; um momento affagava a mulher, depois vinha um ditto picante, logo uma terna parvoçada, e por cumulo de tudo isto, a innocente distracção de um *burro em pé*, jogado até ás onze horas.

Apezar do que fica exposto, o Sr. Mattos não tinha podido esconjurar inteiramente o demonio carnal que se lhe metterna alma. Esposo dedicado e exemplarissimo, peccava sómente por olhar o mundo mais do que devia, e por senão ter forrado contra todas as settas que andam por ahi a montes crivando a humanidade.

Um dia começou a galantear uma visinha fronteira. Gertrudes percebeu a traição, e disfarçou o resentimento. A cousa hia, porém, tomando corpo, e era impossivel que, mais cedo ou mais tarde, não desabasse em tormenta. Assim foi. Uma tarde em que o Sr. Esperidião tinha tocado a meta do escandalo, gesticulando e patorneando para defronte, Gertrudes aproximou-se, pé ante pé, da janella a que elle estava, observou tudo um momento, até que, batendo-lhe no hombro, encarou-o fixamente, dizendo-lhe com um tom de voz que trescalava a indignação e o desprezo:

« O Sr. é um miseravel! »

Esperidião corou até a raiz dos cabellos, enfiou, engasgou-se em tres monosyllabos, até ficar immovel e petrificado. Nunca tinha concebido aquelle quinto acto de tragedia. Gertrudinhas

estava sublime de desespero, como se diria em bom estylo: desencadeou sobre o peccador uma saraivada de imprecacões e de epithetos, tirou-lhe a pelle ás mãos ambas, como Apollo a Marsyas, apostrophou-o com a energica vehemencia da mulher moça e formosa, que se vê malbaratada por um borceiro d'aquella estofa.

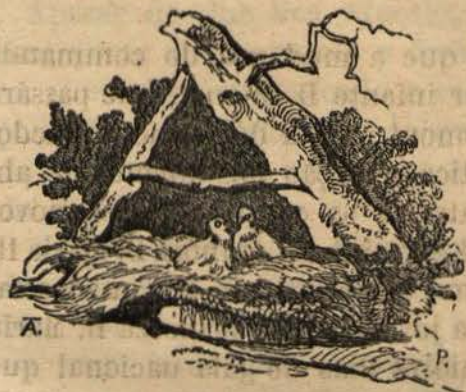
(Continua)

E. A. VIDAL.



## DOM PEDRO IV

### DUQUE DE BRAGANÇA



temos agora o fio dos acontecimentos. Estamos em agosto de 1833. Em 15 d'este mesmo mez convocava o senhor D. Pedro IV a reunião extraordinaria das côrtes geraes, commettendo aos eleitos do povo a obrigação de virem munidos dos necessarios poderes para resolverem as duas importantes questões da regencia e do casamento da rainha. A 18 batia novamente o marechal Saldanha as forças absolutistas do general Almer, obrigando-o a levantar o cerco do Porto, e a 23 partia para a capital, trazendo comsigo o celebre batalhão de caçadores n.º 5, notavel pela sua fidelidade ás instituições liberaes desde 1821, pelos relevantes serviços que prestára na ilha Terceira em 1828, e pelos subseqüentes e não menos gloriosos feitos de armas.

Apesar da apathia do marechal Bourmont, que se conservava ainda em Coimbra, como antevendo ás suas futuras derrotas em frente de Lisboa, a guerra estava longe do seu termo.

Era porém urgente para ambos os partidos tentar concluir-a, e a isso se decidiu o senhor infante D. Miguel marchando sobre a capital com um exercito de 12:000 homens, e mandando atacar pelos seus generaes as linhas de Lisboa, no dia 5 de setembro de 1833, sem mais resultados para os atacantes do que a inefficacia da tentativa, caindo em seguida na mais completa e inconcebivel inacção até ao dia 14, em que de novo appellaram para a sorte das armas sendo igualmente repellidos. Os pormenores d'estes, embora notaveis acontecimentos, são alheios ao nosso proposito, e por isso deixaremos de os mencionar, bem como os planos feitos e abortados no acampamento realista até á chegada do general irlandez Macdonell, antigo official da guerra peninsular ao serviço da Hespanha.

Os constitucionaes tinham a este tempo por si Lisboa, Porto, e Setubal; e no Algarve, Lagos, Faro e Olhão, conservando-se o resto do paiz ainda obediente ao governo do senhor D. Miguel de Bragança, que, com tão continuados revezes não perdera a esperança de triumphar dos seus adversarios, illudido pelas falsas informações dos seus adherentes na capital, e pelos fogosos arrasoados dos aduladores que lhe pintavam as ofertas sinceras, mas clandestinas das potencias estrangeiras, feitas por intermedio de obscuros agentes, como armadilha ao seu decoro e dignidade pessoal, bem como á causa de que elle era o representante natural.

Fosse como fosse, o certo é que a mudança do commando em chefe do exercito do senhor infante D. Miguel, que passára da direcção do marechal Bourmont para a do irlandez Macdonell, em nada melhorou a critica situação dos adeptos do absolutismo, cobrando pelo contrario os constitucionaes novos alentos com a chegada á capital da rainha a senhora D. Maria II, a 22 de setembro de 1833, em companhia de sua madrasta, a imperatriz do Brasil, e de sua joven irmã a princeza D. Maria Amelia, sendo este um dos maiores dias de gala nacional que Lisboa tem presenciado.

A generosa deferencia que o sr. D. Pedro IV mostrára sempre por sua filha em todos os actos publicos, emquanto ella ausente, não afrouxára agora que como rainha pisava o solo portuguez, passando revista ás tropas, junto das linhas; apresentando-lhe os officiaes que tinham sido feridos nos diversos combates, e mostrando-lhe a justiça das condecorações que lhes adornavam o peito, pela sua bravura e relevantes serviços. As promessas do senhor D. Pedro iam ser cumpridas em toda a sua plenitude, demonstrando aos incredulos que só af-

fectos de pai o tinham empenhado nas fadigas da guerra, e nas alternativas da victoria ou do exilio. Um escriptor contemporaneo affirma: «que nunca o senhor D. Pedro IV teve época na sua vida em que mostrasse mais elevação e grandeza de alma, nem mais credor se fizesse da estima e consideração publica.»

Era porém necessario desaffrontar Lisboa da presença importuna do inimigo, e d'esta ousada empreza se incumbiu o general Saldanha com tão prospero successo que dois disputados encontros foram bastantes para obrigar as forças absolutistas a concentrarem-se em Santarem, futura e derradeira base de operações do seu exercito. A verdade historica pede que se louve a bravura pessoal de alguns caudilhos do exercito contrario, a exemplar dedicação dos soldados, bem como a pericia com que Macdonell os soube guiar n'uma retirada difficil, quando a força moral, que é tudo nos corpos collectivos, estava de ha muito resfriada, se não perdida.

Este assignalado feito de armas commemorou dignamente o senhor D. Pedro IV, na pessoa do general Saldanha que o praticára, fazendo-lhe, além de outras distincções, a entrega de um exemplar do decreto de 12 de outubro, que mandava restituir ao pedestal da estatua equestre d'el-rei D. José o busto de bronze em baixo relevo do marquez de Pombal, avô materno do general, que a injustiça dos contemporaneos d'aquelle homem illustre fizera arrancar do monumento para lhe substituir as armas da cidade!

Com estas datas coincidem aproximadamente as atrevidas emprezas maritimas do almirante Napier, e o reconhecimento successivo do governo constitucional em algumas terras da Estremadura, que se iam pouco a pouco libertando do jugo do senhor infante D. Miguel.

A morte de Fernando VII de Hespanha, e a subida ao throno de sua filha Izabel II, veiu encher de alegria os liberaes portuguezes, pela decidida protecção que o gabinete de Madrid dera sempre á causa do absolutismo. O infante D. Carlos, de Hespanha, que identificára a sua causa com a do senhor infante D. Miguel, assumindo illegalmente o titulo de rei, attraheu sobre este ultimo a animadversão dos hespanhoes, desaffrontando por consequencia os constitucionaes da animosidade de um povo poderoso e visinho, deixando mais desafogado o manejo da nossa politica interna.

Aqui começam, e de novo se enredam sem desenlace possivel as negociações diplomaticas de que é alma o gabinete de

S. James, e com ellas crescem a par as intrigas no acampamento do senhor D. Miguel, tendo como remate a demissão pedida e aceita do general Macdonnell, que não podia, nem sabia já haver-se com as opiniões exaltadas dos validos do infante, e o pernicioso ascendente que ellas iam tomando nas operações da guerra.

Começa o anno de 1834, e com elle as mais auspiciosas esperanças para a causa constitucional, quer pelas tendencias manifestas dos gabinetes europeus para o acabamento da guerra, quer pelo espirito publico que se ia de dia para dia inclinando cada vez mais ás idéas liberaes. Preciso era porém dar novo impulso aos movimentos militares, e o general Saldanha foi ainda o escolhido para os dirigir com a mestria de que já tinha dado anteriormente inequivocas provas. A acção de Pernes, e posteriormente a celebre batalha de Almoster, sem decidirem de um modo positivo a contenda, deram assim ainda subido realce á fama do general que as dirigiu, e desalentaram quasi de vez os já amortecidos brios dos exercitos absolutistas.

Entretanto as negociações diplomaticas continuavam, sem annuencia directa dos partidos contendores, e por consequencia sem resultados visiveis, nem esperanza de se obterem sem a intervenção das armas, com sobeja razão chamado a *ultima razão dos povos*.

Não se pôde porém duvidar que a Inglaterra fez quanto lhe era então possivel em favor do senhor infante D. Miguel, e que os seus esforços foram, por uma singular teimosia de partido, interpretados como prova de fraqueza do partido constitucional, que nem os reclamára, nem tão pouco os aceitava de bom grado. D'estas negociações, até á celebrada batalha da Asseiceira, são rapidos os lances do sanguinolento drama que se representou em Portugal durante a luta fratricida a que poz fim a chamãda convenção de Evora Monte, e a partida do senhor D. Miguel para fóra do reino.

Deixando de parte, por demasiado prolixas e inuteis ao nosso intento, as operações militares do Algarve, bem como as ousadas excursões do almirante Napier na provincia do Minho, e a porfiada e gloriosissima batalha da Asseiceira, ganha pelo duque da Terceira a 16 de maio de 1844, a que se deve attribuir o coroamento da grande obra que o senhor D. Pedro IV premeditára, e que por tanto tempo estivera paralyzada dentro das muralhas da cidade do Porto, mais proxima dos paroxismos que esperaçanda de tantas e tão miraculosas aventuras.

D'aqui por diante arrasta-se ingloria a luta até á convenção

de Evora Monte, e ao embarque do senhor D. Miguel de Bragança no porto de Sines, no dia 1.º de junho, com destino á cidade de Genova que espontaneamente escolhera para sua futura residencia, tendo previamente renunciado a tomar parte activa nos futuros negocios politicos de Portugal.

Com a feliz conclusão de tão grandiosos acontecimentos, não eram ainda chegados para o senhor D. Pedro IV dias de paz como os que merecia a sua alma generosa, o seu animo esforçado, a sua abnegação civica, a sua persistencia heroica, finalmente a constante dedicação aos interesses e á prosperidade dos dois povos que libertára.

A convenção de Evora Monte, mal interpretada, ou antes não entendida por alguns espiritos acanhados incapazes de conhecerem o alcance das idéas generosas, acarretára ao senhor D. Pedro IV desgostos immerecidos, que, seu animo altivo supportára então resignado senão desdenhoso, só embebido no remate da regeneração social do seu paiz.

Como acontece sempre em todas as grandes revoluções politicas depois de passada a imminencia do perigo, os homens das theorias fixas, titulo com que muitas vezes se disfarçam os ambiciosos de occasião, debatiam já com grande azedume a questão da regencia que o senhor D. Pedro IV assumira por necessidade urgente em dias de desalento para os constitucionaes, e que mais cordato e patriotico fora confiar ao exame desapixonado dos legitimos representantes do povo.

A 15 de agosto de 1834 abria o senhor D. Pedro IV em pessoa as camaras legislativas, e historiava com ingenua verdade no seu discurso os meios de que se servira para libertar a patria, as provações por que passára para o conseguir, não lhe esquecendo exaltar o valor que o seu pequeno exercito desenvolvera durante dois annos de enormes sacrificios. Os dois pontos capitaes que o senhor D. Pedro IV terminou por confiar á decisão das camaras foram a questão da regencia, durante a menoridade da rainha a senhora D. Maria II e a auctorisação precisa para que ella podesse casar com um principe estrangeiro. Assim desvanecidas as apprehensões intempestivas de um grupo de homens que, antecipando temerarios juizos, mais curava de satisfazer as proprias ambições do que em ser nuncio de fundadas suspeitas, o senhor D. Pedro IV, tres dias depois de abertas as camaras, partia de Lisboa para fazer uso das aguas thermaes das Caldas que os medicos lhe aconselhavam, e que infelizmente de nada lhe aproveitaram.

Na sua ausencia debateu-se larga e calorosamente nas côr-

tes a questão da regencia, que o Senhor D. Pedro IV assumira em extraordinarias, apuradas e especialissimas circumstancias, sendo approvado por 89 votos contra 5 o parecer da commissão que ao extremoso pae da Rainha confiava o arduo encargo de continuar a guiar aquella, cujos direitos á corôa portugueza tão energica e desinteressadamente defendêra com as armas na mão.

A 30 de agosto de 1834 dava o Senhor D. Pedro IV, na sala do throno do palacio da Ajuda, o juramento a que a carta constitucional o obrigava como regente, não lhe consentindo o seu precario estado de saude prestal-o no seio da representação nacional. Em meado de setembro, e resolvido já por ambas as camaras o grave negocio do casamento da Rainha, prevendo o Senhor D. Pedro IV que era sem remedio a doença que o affligia, pediu no dia 17 os soccorros da religião, e n'esse mesmo dia fez e assignou o seu testamento, legando o seu coração á cidade do Porto, e recommendando á generosidade da nação sua esposa e a Princeza D. Maria Amelia, unica filha que tivera das suas segundas nupcias.

No dia seguinte o bispo resignatario de Coimbra entrava na sala das sessões dos deputados, e, tomando a cadeira da presidencia, lia uma carta que o Regente dirigia á camara, e que vamos aqui transcrever na sua integra, como o melhor espelho em que se reflecte o grande vulto do Imperador, desilludido já das vaidades terrestres e preparado para a grande viagem da Eternidade :

«Sempre franco e fiel aos meus pensamentos (dizia o Imperador) e obedecendo á voz da minha consciencia, vou participar-vos que, tendo hontem cumprido com os deveres de filho da Igreja catholica e de pae de familia, julgo tambem de meu consciencioso dever participar-vos que o meu estado de molestia, que hontem me dictou aquellas resoluções, me inhibe de tomar conhecimento dos negocios publicos, em cujas circumstancias vos peço queiraes prover de remedio.

«Eu faço os mais ardentes votos ao céo pela felicidade publica.»

Acalmada momentaneamente a dolorosa impressão que a leitura d'esta carta produzira no animo dos legisladores, eram quatro horas da tarde quando o relator da commissão, encarregada de dar o seu parecer ácerca do grave negocio da regencia propunha, como o mais acertado dos expedientes lembrados, que a Rainha a Senhora D. Maria II fosse declarada maior para todos os affeitos, dispensando-se n'este ponto as disposições da carta constitucional.

Sendo a camara dos pares de parecer igual á dos deputados, uma commissão foi incumbida de ir no dia seguinte ao paço de Queluz pedir á Rainha a sua approvaçãõ e sanccãõ á proposta em que as côrtes a declaravam maior, ao que a joven soberana promptamente annuiu, prestando o seu juramento no dia 20 de setembro, na conformidade do artigo 70.º da mesma carta constitucional.

O Senhor D. Pedro IV, que até á sua ultima hora conservou sempre brilhantes as suas faculdades mentaes, recebeu da propria bôca de sua filha a noticia de haver cumprido as formalidades da lei fundamental do estado, e de se achar no uso pleno das suas prerogativas de rainha-reinante, empregando como tal a sua primeira assignatura na carta regia por que nomeava seu pae gran-cruz da Torre e Espada, cujas insignias lhe lançou ao pescoço em recompensa dos grandes serviços que havia recebido. No dia 19 de setembro, conhecendo o Senhor D. Pedro IV que se approximava a sua derradeira hora, abraçou um por um os seus generaes, ordenando em seguida que lhe trouxessem junto ao seu leito de dor um soldado do exercito que tivesse tomado parte nas lutas heroicas da liberdade. Sendo-lhe em consequencia d'esta ordem apresentado um soldado de seu predilecto batalhão de caçadores n.º 5, o Senhor D. Pedro IV o abraçou com effusão, e lhe disse. «Transmitte este abraço aos teus camaradas, em signal da justa saudade que me acompanha n'este momento, e do apreço em que sempre tive os seus relevantes serviços».

Reconciliado novamente com a igreja no dia 20, todo se entregou desde então aos exercicios da religião, até que expirou nos braços de sua Esposa e da Rainha sua filha, no dia 24 de setembro de 1834, deixando, como já dissemos, irrevogavelmente começada a grande obra, que por tão extraordinarias vicissitudes passára, achando em todas ellas o Senhor D. Pedro IV sempre pae extremoso, capitão audaz, legislador previdente e sabio, e inquestionavelmente um dos homens mais notaveis do nosso seculo, pelo arrojo das emprezas a que metteu hombros e pela magnanimidade de todos os seus actos. Principe que mais ao nivel se pozesse das idéas de seu tempo não aponta outro a historia. É como o primeiro dos cidadãos portuguezes, sem esquecer o seu merecido renome de general, que a prosperidade, assim como nós já hoje fazemos, ha de enumerar as suas virtudes civicas, e o entranhado amor que sempre consagrou á terra da patria. O Senhor D. Pedro IV tinha apenas trinta e seis annos quando falleceu, e é para acreditar que os nu-

merosos cuidados da sua agitada existencia contribuíram não pouco para sua chorada e prematura morte.

O monumento que hoje se pretende erigir á memoria do Senhor D. Pedro IV é uma dívida de gratidão que o paiz paga ao seu libertador, e não uma ostentação pueril da vaidade nacional. A estatua que resumir em si as feições multiplices do character do Imperador, sem prescindir da simplicidade nem esquecer o grandioso, será a mais conforme não só com os preceitos da arte, mas a mais em harmonia com o vulto severo do Imperador, e com a indole das suas elevadas e patrioticas cogitações.

L. A. PALMEIRIM.



## ANGUSTIAS D'ALMA

My soul is dark

BYRON

Mulher de rosto angelico,  
Mas coração de vibora,  
Que mal te fiz, demonio,  
Para um castigo assim?  
Nos teus purpereos labios  
Porque sorrisos languidos  
Mostrares-me entre perolas,  
Não sendo para mim?

Era na estação flórida,  
Em que suspiram canticos  
Nos roseiraeos os zephiros,  
E alegre o rouxinol  
Com seu trinado harmonico  
Na verde selva umbrifera  
Saúda entre as magnolias  
A vinda do arrebol.

Era manhã: surgiste-me  
De mil encantos fulgida,  
Doce qual o murmurio  
De um beijo! — No esplendor

De teu olhar sympathico,  
 Travez de roseas palpebras,  
 Senti minha existencia. . . .  
 Embriagal-a o amor!

Que amor! foi quasi um extasi,  
 Qual sonho de delicias  
 Que em paraizo ethereo  
 Mafoma aos seus fadou!  
 Sorriu-me n'alma o jubilo,  
 E do prazer a auréola  
 Cingiu-me a fronte! — O empyreo  
 Alfim, disse eu, raiou!

Se eras tão linda! Erguia-se  
 De ti tanta fragancia,  
 Que fui depôr-te, soffrego,  
 Aos pés meu coração!  
 Todo a tremer, phrenetico  
 De incanto e amor, ingenuo  
 Ia a dizer: *adoro-te*. . . .  
 Que desengano!

Então

Vi. . . com desdem, sarcasticos,  
 Esses teus olhos limpidos,  
 Fugindo ás minhas supplicas,  
 Deixarem-me! O prazer,  
 Que eu já sonhava proximo,  
 Vi-o e volver-se, ephemero  
 Como as escassas nevoas  
 Que o sol vem desfazer.

Fiquei. . . qual muda estatua  
 Ou como debil plantula  
 A que gentis vergontear  
 Veio o Simùm crestar:  
 Nem um suspiro, um unico,  
 Soltei de queixa: — lagrimas. . . .  
 Se as presentisses, perfida  
 Folgáras de zombar!

. . . . .

Mulher de rosto angelico,  
 Mas coração de vibora,  
 Que mal te fiz, demonio,  
 Para um castigo assim?  
 Nos teus purpureos labios  
 Porque sorrisos languidos  
 Mostrares-me entre perolas,  
 Não sendo para mim?

Abril de 61

OLYMPIO DE FREITAS.



# CHRONICA SCIENTIFICA

**Machinas de vapor e motores hydraulicos na  
Exposição Universal de Londres**

## RELATORIO

PELO

**SR. JOSÉ MARIA DA PONTE HORTA**

I



homem, pequeno ser que vive um instante apenas n'um pequeno mundo, tem, como preciosa compensação da sua humilissima exiguidade nas duas immensidades do espaço e do tempo, a intelligencia, para comprehender e admirar as maravilhas sublimes do universo, e para sujeitar ao seu dominio efemero a materia e a energia da natureza: a consciencia, para lhe inspirar o sentimento do bem e da justiça, para lhe ensinar o amor pela humanidade, para o instigar ao trabalho, como a um dever, que as gerações que passam tem de cumprir, em beneficio das gerações que vão chegando. Pela intelligencia e pela consciencia o homem acrescenta as suas forças, conquista o mundo em que habita, penetra na amplidão do espaço, prende-se ás tradições do passado, prolonga a sua existencia pela immensidade do porvir, e engrandece-se até poder em espirito elevar-se ao Creador e glorifical-o.

A civilisação é a fraternidade de todos os homens, é a solidariedade das nações no progresso. No progresso verdadeiro, e não no que só consiste em satisfazer melhor as necessidades materiaes dos povos: no progresso, que melhora a moral do homem, ao passo que

alarga a sua esfera de actividade sobre a materia e sobre a energia da natureza: do progresso, que liga as nações pelo vapor e pela electricidade, tanto como pela reciprocidade de interesses commerciaes e moraes; que conquista as regiões mais remotas da terra, não para escravisar senão para civilisar; que trabalha para a liberdade tanto como para a industria; que não vê no homem só um corpo com sentidos, mas vê tambem uma alma com aspirações: no progresso, que não podem accusar de materialismo senão os que o não comprehendem, ou os que o temem. O verdadeiro progresso, que é tarefa e gloria do nosso seculo, não se preoccupa só de uma parte do homem mas do homem todo; da materia e do espirito; do corpo e da alma, e p'esta busca melhorar simultaneamente a intelligencia e a consciencia. Em face da actividade industrial de hoje, vendo as locomotivas e os navios a vapor percorrerem a terra com velocidade pasmosa, ouvindo o estrondo das machinas que, noute e dia, transformam a materia rude em uteis artefactos, notando a sollicitude com que os povos civilisados cuidam de se alimentar, de se vestir, de gosar os esplendores da arte, observando a incansavel actividade, com que a rasão humana busca os segredos mais profundos da natureza, discute e peza tudo quanto lhe é accessivel, muitos espiritos timoratos, que não podem desviar os olhos das sombras do passado para os fixar na luz viva do futuro, accusam de materialismo o progresso moderno. A accusação é falça: dil-o a historia.

Os que julgam que a sociedade perde os sentimentos moraes, embota a consciencia, quando a rasão trabalha, e descobre as verdadeiras leis da natureza, erram, e blasfemam. Deus, creando o homem, fez d'elle uma harmonia, e não um contrasenso. A rasão que se esclarece illumina a consciencia e não a oblitera. Os que pensam que a sociedade se desmoralisa, porque a escravidão desaparece da face da terra, porque a machina liberta e ajuda o homem, porque a sciencia ensina a produzir mais e melhor, dando hoje, a muitos, meios de satisfazer as necessidades physicas, de que só poucos podiam dispôr ha menos de um seculo, esquecem que o homem na miseria não pôde elevar o espirito acima dos soffrimentos physicos que o opprimem; que n'elle a rasão se cala, e a consciencia emmudece tambem, muitas vezes, para ficarem triumfantes as ruins paixões; que, lutando com a fome, com a doença, com a inercia, resultados inevitaveis da falta de actividade no trabalho e de economia na producção industrial e agricola, um povo se enfraquece e se corrompe. Os que acreditam, que o mundo civilisado não pôde viver senão apertado nos moldes, em que o absolutismo e o fanatismo o quizeram encerrar, para dominarem; os que olham

com terror para a liberdade; os que veem com espanto desaparecer as barreiras entre as nações, e aproximar-se o tempo em que o trabalho livre ha de correr com o livre pensamento de um a outro extremo da terra, não comprehenderam ainda o progresso em toda a sua plenitude. O progresso não é o que o querem fazer esses hypocritas que o deshonram, cobrindo com o seu nome augusto ambições miseraveis, e torpezas despreziveis: assim como a religião divina não é o que o fanatismo a quer fazer, por ignorancia ou por ambição.

Os pensadores, que seguem com solícito interesse os progressos da humanidade, que aliam a uma intelligencia illustrada um coração generoso e uma consciencia recta, não podem deixar de vêr na civilisação o engrandecimento moral e o melhoramento physico do homem. Os grandes concursos da industria, que são uma das maravilhosas manifestações da civilisação do nosso tempo, essas lutas de paz, onde as nações medem as suas forças creadoras e fraternizam no trabalho, suscitam, no espirito de quem as contempla e estuda, profundos sentimentos de amor pelo progresso, e de sympathia pela humanidade, tranquillã e inabalavel esperança no futuro, viva fé na fecundidade inexaurivel do pensamento humano.

O sr. Ponte Horta, considerando a Exposição Internacional de 1862 do ponto de vista elevado, em que naturalmente o collocara a sua rasão esclarecida, o seu character nobre, mostrou no Relatorio, de que nos propomos dar aqui uma breve noticia, que soube achar nos portentos do progresso industrial, acumulados no esplendido concurso de Londres, lições para industriaes, regras para politicos e economistas, esperanças no futuro e nobres aspirações para todos.

Havendo de estudar, como membro da commissão portugueza mandada pelo governo á exposiçãõ de Londres, os melhoramentos importantes, as novas creações da mecanica industrial, e reconhecendo a impossibilidade, a não escrever um longo tratado, ou a não apontar de leve assumptos heterogenios de uma multiplicidade immensa, de abranger no seu relatorio todas as machinas e apparatus de trabalho, motores e utensilios, que se accumularam nas galerias do palacio de Kensington, o sr. Horta julgou, acertadamente, dever restringir o seu estudo ás machinas industriaes onde se exerce a acção do calorico, e aquellas que funcçãoam pela acção da agua como força motriz. São os motores de vapor e os motores hydraulicos o assumpto difficil e interessante, de que o sr. Horta se occupa no seu relatorio.

Nenhum objecto mais importante e transcendente podia escolher-se para um relatorio ácerca dos progressos modernos da mecanica industrial; nenhum mais caracteristico da vida laboriosa das nações modernas.

A produção industrial não é mais do que a transformação da materia. O homem não pôde crear nem destruir um atomo se quer no universo; o que elle pôde é tornar uteis os objectos, sobre que actua com o seu trabalho, adaptando-os á satisfação das suas necessidades. O homem, com o trabalho, cria *utilidades*, imprimindo na materia qualidades, que a tornam apta a servir, a ser *util*. Para modificar a materia é preciso empregar a força, encaminhando a sua acção segundo os dictames da intelligencia, a fim de obter, pelos meios mais singelos e mais economicos, os resultados mais proficuos. A *Cynematica*, essa especie de mecanica-geometrica, como diz o sr. Horta, creada por Poncelet, deu ao constructor moderno os meios de adaptar aos variadissimos misteres do trabalho os instrumentos operadores. Seguindo os preceitos d'esta sciencia creadora, pôde hoje a industria conseguir instrumentos poderosos ou delicados, multiplices nas fórmas, variados nas aptidões, para executarem todos os trabalhos, que a necessidade ou a fantasia possam exigir-lhe. A *Cynematica* como que cria operarios obedientes, sem iniciativa, mas incançaveis, executando o trabalho com rigor geometrico, incapazes de errar. Para communicar o movimento, podemos quasi dizer a vida, a essas organizações mais ou menos complicadas, é preciso applicar-lhes a *potencia*. O esforço muscular do homem é uma potencia, mas custosa, e impropria para os trabalhos collossaes, que hoje exige a actividade das grandes industrias; a força dos animaes emprega-se muitas vezes com utilidade como potencia motriz, mas ainda esta energia é insufficiente, por limitada e dispendiosa, para satisfazer a actividade moderna. No movimento do ar, no vento; no movimento da agua; na acção do calor transmittido pelos gazes e vapores; na electricidade, achou a industria motores primarios, de que tem sabido tirar quasi todos os prodigios do trabalho moderno. A sciencia, estudando as manifestações variadas da energia da natureza, assignalando as leis a que obedecem, e, modernamente, descobrindo a correlação, a homogenesis que entre ellas existe, abriu os caminhos, que a actividade productora dos povos civilizados vae seguindo sem cançar. Nas locubrações dos sabios se filiam todos os adiantamentos da industria. O pensamento precede a acção. A intelligencia é a causa primordial de tudo quanto nos maravilha, pelos seus resultados economicos e sociaes, na grande officina do progresso actual.

Tendo de estudar os apparatus, em que a industria escravisa, para o seu serviço, a energia da natureza, sob a fórma do calor ou da agua em movimento, o sr. Horta estabelece os principios admiraveis da sciencia moderna, da *Thermodynamica*, para d'elles deduzir as condições, a que devem satisfazer as boas machinas de calorico, e particularmente as machinas de vapor.

Pôr bem uma questão é resolve-la bem: e foi o que succedeu ao nosso prezado collega no seu excellente Relatorio.

## II

O que é o calorico, essa poderosa manifestação da energia da natureza, que nós vemos apparecer, quando sobre a materia se applica uma acção mecanica, quando corpos distinctos se combinam chimicamente, quando se exerce a acção vital, quando os raios do sol dardejам sobre a terra, em tantas e tão variadas circumstancias emfim? O que é o calorico, que nós vemos, em certas condições, produzir movimentos viziveis, gerar trabalho mecanico? É um movimento das particulas dos corpos em que o calor se manifesta, responde hoje a sciencia. Sendo o calorico um movimento, coisa agora perfeitamente demonstrada, claro está que é elle uma das multiplices maneiras porque actua sobre a materia a *energia da natureza*; a qual, ou dá origem a movimentos, ou se accumula, segundo diz Rankine, como «uma tendencia ou esforço para produzir uma mudança», como *energia potencial*.

O calorico é uma das fórmãs de movimento, resultantes da acção da potencia universal, que mais geralmente se manifesta nas particulas materiaes de todos os corpos da natureza. As poderosas influencias do calor são devidos os grandes phenomenos, que se tem passado, e continuamente se estão passando na terra. As immensas transformações que tem soffrido o globo que habitamos, e das quaes a incansavel geologia tem sabido reconhecer os indicios, e indicar as fazes, foram devidas, principalmente, á acção do calorico. A vegetação exuberante que, n'um dado periodo, no periodo carbonifero, envolveu a face da terra, da luz e do calor do sol recebeu a sua portentosa actividade. As aguas que se elevam nos ares, para depois regar a terra, e, correndo em torrentes até aos mares, produzirem uma enorme força mecanica, recebem do calor do sol o impulso que as põe em movimento. As correntes regulares ou irregulares da atmosphaera, as brizas suaves ou os furacões violentos, devem á desigual acção do calor do sol em diversas regiões a sua origem. Grande parte dos phenomenos da vida é o resultado das acções do calorico, que o sol irradia atravez do espaço, conjunctamente com a luz; outra fórmula de movimento, que tem com o calorico immediata correlação.

Na vida dos vegetaes domina uma acção reductiva de corpos, compostos de elementos que entre si tem uma poderosa afinidade: para vencer a resistencia á separação dos elementos do acido carbonico e da agua é preciso uma força, essa força tiram-a os vegetaes do ca-



lor e da luz solar. Das condições, em que ficam os elementos nos compostos resultantes da vida vegetal, nasce uma *energia potencial*, a qual se transforma em *energia actual* ou *dynamica*, logo que as circunstancias favorecem os phenomenos da combustão. A luz e o calor do sol, por assim dizer, armazenados nos tecidos das plantas, tanto das que vivem na epocha actual, como d'aquellas de que achamos os residuos nos vastos depositos de combustivel fossil, reapparecem sempre que provocamos a combustão na lenha, ou no carvão de pedra. As plantas, como diz o illustre e mal apreciado Mayer, constituem o reservatorio, em que se fixam os raios fugitivos do sol, ficando assim depositados, e aptos para servirem em uteis applicações. A acção reductora, que se passa nos organismos vegetaes, é a conversão de uma fôrma da força em outra fôrma, do effeito mecanico em tensão chimica. Nos animaes os phenomenos tem um character diverso d'aquelle que distingue os vegetaes. Os animaes, como diz o engenhoso escriptor que acabamos de citar, consomem combustivel, que tiram do mundo vegetal, favorecendo a sua união com o oxigenio: e parallelamente, a este processo, apparece o trabalho mecanico executado pelos animaes. Experiencias de notaveis physiologistas e phyzicos provam, que a respiração é uma verdadeira combustão, de que resulta calor; e que os organismos animaes podem converter esse calor n'uma quantidade *equivalente* de trabalho mecanico.

Dá-se por ventura esta *equivalencia* do calor e do trabalho mecanico? Dá-se em todos os casos? É ella directamente apreciavel? Para responder a estas interessantes questões, devia a sciencia recorrer á experiencia, fixando antes unidades de calor e trabalho, rigorosamente invariaveis e comparaveis; e foi o que fez a sciencia, obtendo resposta affirmativa para os quesitos propostos. Tomando para unidade do calor, (*caloria*) a quantidade d'este necessaria para elevar de um gráo thermometrico a temperatura de um kilogramma de agua; e para unidade de trabalho, (*kilogrammétrico*) o necessario para levantar á altura de um metro, n'um segundo, o peso de um kilogramma: acha a experiencia, que uma caloria pôde dar um trabalho mecanico igual a 425 kilogrammetros. Da natureza do calorico, da determinação do seu equivalente em trabalho mecanico, da observação de variados phenomenos phyzicos, tira á *thermodynamica*, a moderna sciencia a que no futuro se hão de abrir vastos horisontes, os seguintes principios:

1.º Calorico e trabalho são phenomenos da mesma especie, que se geram um do outro, sempre e em todos os casos, em relações certas e determinadas:

2.º Iguaes augmentos de calorico produzem iguaes augmentos de trabalho, quando se tenha partido do zero absoluto de temperatura

Reconhecidos estes principios da thermodynamica, que o sr. Horta exprime no seu relatorio nos proprios termos, em que acabamos de trancrevel-os, e em vista do que dissemos fugitivamente das relações entre os grandes phenomenos da natureza e o calorico, conhece-se; que todas as potencias mecanicas, de que nos podemos servir, tem, mais ou menos immediatamente, a sua origem no calor do sol; e que todas as nossas machinas motrizes não são senão artificios, empregados para prender e transformar em trabalho util uma parte da energia universal; e em especial do calor que agita perpetuamente a materia.

Nas machinas de calorico, isto é, nas machinas destinadas a transformar immediatamente em trabalho mecanico o calorico, artificialmente produzido pela combustão, o que se deve buscar é, que a maior quantidade possivel de calorico se transforme no trabalho util equivalente. Primeiro que tudo é preciso, para operar a transformação, escolher uma substancia que a execute. Essa substancia deve estar, para que o resultado seja proficuo, no estado gazoso, isto é, ser um gaz permanente ou o vapor de um liquido facilmente vaporisavel: por serem os gazes e os vapores as substancias, que mais se dilatam e expandem sob a acção de uma dada quantidade de calorico.

Estudando, em vista dos principios da sciencia moderna do calorico e das condições mecanicas da construcção, as machinas de vapor d'agua, — as mais communs, e, por emquanto, as mais convenientes para o aproveitamento do calorico nos usos industriaes, — o sr. Horta estabelece, de um modo rigoroso e positivo, as condições a que devem satisfazer as machinas d'esta natureza, para dar o maximo effeito util. Em resumo, essas condições são: vapor de alta pressão, isto é, tendo, em virtude do aquecimento, uma tensão de 4 a 10 atmospheras; possibilidade de se dilatar o vapor no cilindro ou cilindros, em que exerce acção sobre o embulo ou embulos, de modo que estes, n'uma parte do seu curso recebam a acção plena do vapor vindo da caldeira, e, n'outra parte, interrompida a comunicação com a caldeira, o movimento lhes seja dado pela expansão do vapor já encerrado nos cilindros; condensação do vapor, depois de haver exercido o seu effeito mecanico, em organ para esse fim destinado, onde a agua de alimentação da caldeira receba um principio de aquecimento, a fim de haver a menor perda possivel de calorico: sobre-aquecimento do vapor em aparelho construido e disposto para isso, com o intuito sobre tudo, de pôr em actividade immediata, em estado de prompta transformação, uma certa quantidade de calorico, e de fazer vaporisar a agua, que o vapor arrasta da caldeira no estado vesicular; entrada do vapor no

cilindro por continuidade, e não por uma subita interrupção de passagem entre o cilindro, em que joga o embulo, e a caldeira, nas machinas de expansão; órgãos de facil movimento, construidos segundo os bons principios da mecanica. Machinas, satisfazendo estas condições, podem gastar apenas um kilogramma de carvão por cavallo vapor e por hora, o que é uma immensa economia em relação ás machinas de que se faz uso commummente.

Estabelecidos os principios da Thermodymanica, que devem servir de base á transformação do calorico em trabalho mecanico, e fixadas as regras de construcção de uma machina de vapor, que satisfaça áquelles principios, e em que se empreguem todos os artificios, até hoje conhecidos, para transformar em trabalho util a maior quantidade possivel de trabalho disponivel, o sr. Horta faz no seu Relatorio uma revista das principaes machinas de vapor, que se observavam no palacio de Kensington; acompanhando as rapidas descrições, que dá dos seus caracteres essenciaes, de observações criticas, que mostram o seu cabal conhecimento dos assumptos de que trata, e a sua muita sagacidade e lucido engenho. Nós, não podemos seguir o sr. Horta n'esta parte interessantissima do seu trabalho, mas indicaremos, ao menos, os pontos que n'ella encontramos, a nosso ver, de maior utilidade e merecimento.

É pelo estudo das caldeiras, onde a agua se vaporisa pela acção do calorico, e que por isso bem se podem considerar os órgãos fundamentaes das machinas de vapor, que o sr. Horta começa o seu estudo technico. Nas caldeiras e nas fornalhas de combustão, que lhe estão immediatamente annexas, ha a conseguir: que o combustivel arda activa e completamente; que possa servir o carvão de pedra tal qual sae das minas, em vez do coke, evitando-se porém os inconvenientes do fumo, por um systema que integralmente o queime: que a vaporisação da agua nas caldeiras se faça depressa, mas não tumultuosa; que o vapor adquira a tenção conveniente; que a caldeira receba agua, de modo que esteja sempre sufficientemente alimentada, que as encrustações, resultantes dos saes dissolvidos na agua, os quaes, pelo aquecimento e vaporisação, se precipitam, se possam evitar, ou pelo menos minorar. Para dar intensidade á combustão, e queimar o fumo, o que permite ao mesmo tempo o uso do carvão em vez do coke, empregam-se meios que activem as correntes de ar no fogão: disposições especiaes das grelhas do fogão, injeccão mechanica de vapor sobre a chamma, ou modificações de fórma nos espaços em que tem logar a combustão, são tudo

artificios, cujo resultado é pôr em contacto com o combustivel, e os gazes que elle gera, uma grande massa de ar. Para activar e facilitar a vaporisação, o que se busca é augmentar a superficie de aquecimento nas caldeiras, e, para isso, se empregam com vantagem as caldeiras tubulares, as quaes não são isentas de inconvenientes. Na exposição observava-se uma caldeira singular, formada de esferas occas, unidas entre si por pequenos tubos; o aquecimento e vaporisação da agua passa-se, n'estas caldeiras, dentro das esferas, e o fim d'esta construcção exquisita é facilitar a produção do vapor, evitando os inconvenientes da incrustação, communs nas caldeiras tubulares. Para alimentar de agua as caldeiras, um aparelho simples, engenhoso e efficaz, merece hoje os suffragios de todos os constructores; é o injecter Giffart. Um jacto de vapor, emanado da propria caldeira, é quem imprime movimento á agua de alimentação, e a introduz na caldeira, vencendo a pressão do vapor, que se oppõe á sua entrada. Para minorar os inconvenientes das incrustações, o systema mais simples parece ser actualmente, o do purificador de Wagner, o qual consiste n'uma serie de discos metallicos horisontaes, sobre os quaes a agua corre, aquecendo-se, perdendo uma parte dos gazes que traz em dissolução, e deixando precipitar porção consideravel dos saes que a inquinam.

As machinas de vapor classifica-as o sr. Horta, em relação ao genero de trabalho a que se applicam: 1.º Em machinas fixas; 2.º Em machinas locomotivas; 3.º Em machinas locomoveis; 4.º Finalmente, em machinas de tracção, machinas de um typo moderno, as quaes, pela força do vapor communicado ás rodas, se movem nas estradas ordinarias.

Nas machinas fixas ha a distinguir as machinas de officina, ou terrestres, das maritimas. Das machinas terrestres, que se podiam estudar na exposição, umas eram notaveis pela simplicidade de sua construcção, e outras pela economia de combustivel com que davam o trabalho.

Em geral, notava-se em todas as machinas de vapor grande tendencia á singeleza de construcção. As machinas de grandes dimensões, occupando grandes espaços nas officinas, ostentando, muitas vezes, na sua disposição e ornamentação, caracteres architectonicos, tendem a desaparecer. O vapor, operario incançavel, conscio da sua utilidade, mostra-se hoje modesto, esconde-se n'um canto da officina; de modo que, ao entrar n'uma grande fabrica, e ao vêr em movimento um sem numero de rodas, deapparelhos, de utensilios, que trabalham incessantemente, o observador busca ás vezes em vão a causa de tanta actividade, a origem de tanta força empregada em labores mais ou menos deflicéis, mais ou menos rudes. O grande

obreiro, o calorico e a machina que o transforma, está afastado do ruido e da labotação da fabrica.

As machinas de typo horisontal tinham, na exposiçào de 1862, conquistado decidida primasia, sobre as dos outros typos mais volumosos ou menos singelos. A proficuidade dos motores a vapor, nos empregos industriaes os mais variados, achava-se provada n'aquella exposiçào, pelos numerosos exemplares dos motores d'esta especie, que ali se observavam, solidariamente unidos ao utensilio de trabalho que eram destinados a pôr em movimento.

O sr. Horta trata com severidade, talvez excessiva, a maior parte das machinas que descreve; é isto a consequencia necessaria de as comparar com o typo perfeito, que concebeu e de que expoz os caracteres essenciaes. Como prova, porém, de que o seu typo de machina de vapor não é puramente ideal, irrealisavel nas condiçõe da construcção mecanica, estavam na exposiçào duas machinas de officina, que se approximavam muito da perfeiçào, ambas construidas na Prussia, segundo os planos de um americano. Estas machinas eram, diz o sr. Horta, as mais perfeitas, as mais scientificas, e as mais economicas de quantas machinas fixas decoravam a Exposiçào. Fazei, acrescenta o sr. Horta, trabalhar as machinas de Corliss com vapor sobre-aquecido, e tereis realisado os instrumentos mais proprios, e mais economicos para o emprego util do calorico. Outras machinas d'este grupo se approximavam mais ou menos da perfeiçào, já em relação á economia, já em relação á simplicidade; sob este ponto de vista nenhuma excedia a inventada pelo americano Allen.

Sobre as machinas de vapor applicadas aos usos da marinha, quer mercante quer de guerra, escreveu o sr. Horta, inspirado pelo amor da patria, um capitulo excellente no seu Relatorio. As suas opiniões acentam com segurança sobre a observação judicioso dos factos, e sobre os dados positivos da sciencia: os seus conselhos devem ser attendidos pelos que dirigem as nossas construcções maritimas, afim de se evitarem desacertos, que prejudicam os nossos interesses economicos e politicos. Se ha vaidades que se offendem com os bons conselhos, dados por quem, como o sr. Horta, tem um caracter elevado, e benevolente, sentimol-o sinceramente; sentimol-o, porque taes vaidades dão sempre pessimos conselhos a quem as tem, e o paiz, se continuar a ser como até hoje pouco sollicito em vigiar pelos seus proprios interesses, soffrerá por longos annos as consequencias de erros e absurdos faccis de evitar, e difficeis de remediar. O sr. Horta descreve os principaes engenhos que enriqueciam as galerias da exposiçào; e, depois de fazer a critica severa de cada um d'elles, fazendo com tudo á Inglaterra a justiça que este grande paiz merece pela excellencia das suas construcções, chega á

conclusão; de que se deve preferir a disposição horisontal nas machinas maritimas, por se tornar mais commoda a sua instalação, por occuparem menos espaço, por serem mais accessiveis, por actuarem mais directamente sobre o eixo dos navios a helice, por concorrerem mais para a estabilidade do navio, por estarem mais ao abrigo dos tiros inimigos, do que as machinas de outras fórmulas e construcção. Nota, com tudo, e lamenta o distincto professor da Escola Polytechnica, que nas machinas maritimas se não hajam generalisado os aperfeiçoamentos das condições physicas, de que resulta a economia no combustivel; concluindo por aconselhar, para os usos da navegação, as machinas de vapor construidas segundo o systema mais completo, que a sciencia recommenda para o maximo aproveitamento do calorico.

Uma das mais importantes applicações da machina de vapor, das que mais tem influido e hão de influir na transformação moral, politica e economica das nações, é aos transportes accelerados, baratos e faceis sobre os caminhos de ferro. As locomotivas tem tal importancia na vida das nações, que nos não deve admirar que o talento de quasi todos os constructores mecanicos de nomeada se haja, mais ou menos, applicado a aperfeiçoal-as. Nenhum progresso, já no melhor aproveitamento do calorico, já no melhor ou mais economico emprego do combustivel, já no uzo de melhores materiaes de construcção, já no addicionamento ás machinas de vapor de algum apparelho accessorio, mas proveitoso, se manifesta na mecanica, sem que d'elle se busque logo tirar partido para melhorar as locomotivas. Força, velocidade e segurança, eis o que se pertende das locomotivas; e basta indicar estas condições, para se apreciar a difficuldade dos problemas a resolver na construcção d'estes complicados e delicados apparelhos. O sr. Horta, descrevendo e discutindo os defeitos e merecimentos das locomotivas, que se encontravam em Kensington, completou, em relação ao estado actual da sciencia, o seu valioso estudo sobre as locomotivas, largamente desenvolvido no seu Relatorio sobre a Exposição Universal de 1855.

Além dos aperfeiçoamentos, que as locomotivas recebem com os progressos da mecanica, em commum com as outras machinas de vapor, ha outros que lhe são especiaes, e se ligam com a natureza do trabalho que ellas são destinados a executar. Das locomotivas póde exigir-se velocidade, ou potencia de tracção; na Inglaterra é a primeira que principalmente se atende, e no continente a segunda. Para alcançar a velocidade é preciso, que seja grande a superficie de aquecimento nas caldeiras; que se eleve a pressão do vapor; que se promova a adherencia das rodas motrizes aos carris, augmentando o pezo sobre essas rodas; que tenham grandes dimensões es-

sas mesmas rodas; e que a provisão de combustível e de agua seja grande. Para obter potencia de tracção, as condições essenciaes são, grande extensão da superficie de aquccimento; grande adherencia das locomotivas aos carris. Hoje, o que se procura conseguir no continente, é combinar, nas mesmas locomotivas, as duas condições, velocidade e potencia; e, para esse fim, se empregam diversos artificios, que todos se podem resumir no augmento da acção do calorico; e no augmento da adherencia, pelo acrescimo de pezo e multiplicação dos eixos, a que a machina communica movimento. Por uma combinação simples, conseguiram os constructores inglezes poder abastecer d'agua algumas das suas machinas, em plena marcha de grande velocidade; obtendo-se, por esta fórma, que uma machina percorresse, sem parar uma só vez, e na razão de 68 kilometros por hora, uma distancia de 426 kilometros. Locomotivas, com as condições de velocidade dos *expressos* inglezes d'esta natureza, podem, com facilidade, atingir a marcha de 90 kilometros por hora, andando sem parar perto de 150 minutos.

N'outros sentidos tendem ainda a encaminhar-se os melhoramentos, que se vão introduzindo nas locomotivas. Busca-se, nos limites do possivel, adaptar estes motores a vencer rampas maiores do que as, até hoje, admittidas nos caminhos de ferro de primeira ordem, e a transporem, sem risco, curvas de raios menores de 200 metros. A exposição mostrava, que este problema se aproxima da sua solução nos limites das condições mecanicas, e dos principios da economia, a que se não pôde deixar de attender. Uma machina austriaca, de construcção bem combinada, exhibida em Londres, podia levar a carga bruta de 150 a 200 toneladas, em curvas de raio menor de 100 metros, em rampas consideraveis, com uma velocidade de 22 kilometros á hora. Outra machina, exposta pela companhia do caminho de ferro do norte, em França, apresentava condições apropriadas para facilitar a tracção de pesados comboyos por grandes rampas. Posteriormente á exposição, notaremos de passagem, tem-se feito notaveis progressos na construcção de locomotivas para vencer fortes rampas, buscando-se a adherencia, para vencer as resistencias, n'um systema de duas rodas horisontaes, apertando entre si um carril, como o laminador aperta a barra de ferro sobre que actua. Além d'isto, tem-se em França experimentado locomotivas, com rodas motrizes do systema ordinario, porém com seis eixos conjugados, grande potencia, grande peso empregado na adherencia, mobilidade para se prestarem ao movimento nas curvas, as quaes podem vencer rampas de 13, 18, e até 25 millimetros, virar em curvas que se estreitam até um raio de 80 metros, e, n'estas condições, dar reboque a trens com um peso de 267:000 kilogrammas, e com velocidades va-

riando, desde a minima de pouco mais de 5 kilometros, até á maxima de 20 a 22 kilometros por hora.

Estas transformações das locomotivas, que facilitam extraordinariamente a construcção dos caminhos de ferro em regiões accidentadas, devem promover uma total transformação nos systemas de locomoção; podendo, como bem diz o sr. Horta, affirmar-se «que o problema da locomoção terrestre a vapor, com quanto possa tornar-se mui difficil em certas hypotheses, não é todavia jámais impossivel, quaesquer que sejam as circumstancias topographicas a que elle haja de se applicar.»

Uma das cousas que mais curiosidade e admiração excitou, em todos os que visitaram Londres na época memoravel da ultima exposição, foi, sem duvida, o ver correr rapidamente, sobre caminhos ordinarios, poderosas machinas de vapor, arrastando apoz si carros carregados de enormes pesos, subindo consideraveis aclives, virando com facilidade em pequenas curvas, e obedecendo, como o mais bem amestrado cavallo, á vontade de um conductor intelligente. Estas machinas de tracção, para caminhos ordinarios, são destinadas a prestar serviços importantes no transporte de mercadorias pesadas, em toda a parte onde póde chegar a estrada sem rampas excessivas, mas onde não chega o ferro-carril. Estes curiosos e uteisapparelhos mecanicos gozam da dupla vantagem, de servir de machinas de tracção, e de poderem tambem applicar-se, como mótores, a qualquer machina, fazendo assim as funcções d'esses uteis motores a vapor, transportaveis sobre rodas, que hoje se encontram em numerosas officinas, e que tantos e tão fecundos serviços prestam já á agricultura. D'estas machinas, as *locomoveis*, e das machinas de tracção dá o sr. Horta no seu relatorio, uma interessante noticia, que a nosso ver pecca só por demasiado concisa.

No relatorio, de que havemos indicado os pontos essenciaes, encontra-se tambem um capitulo, em que se dá sufficiente noticia dos motores de calorico, onde se emprega o ar aquecido e o gaz em vez do vapor.

Conelue o sr. Horta o seu lucido e instructivo estudo dos motores mais notaveis, que se viam na exposição, por uma analyse, concizamas completa, dos Motores Hydraulicos. Sentimos que a estreiteza do espaço, de que podemos dispôr para a nossa Chronica Scientifica, nos não consinta seguir o nosso collega n'esta parte do seu trabalho, em que se encontram, condensados, os principios mais importantes da sciencia, na sua applicação a esta qualidade de machinas.



## IV

Acumulavam-se tantas e tão variadas maravilhas industriaes no vasto recinto do palacio do Kensington, eram tão grandes as provas da poderosa influencia da sciencia na industria, da mutua acção dos differentes ramos do trabalho humano uns sobre os outros, proporcionavam-se por tal fórma ao estado intellectual e moral dos povos as exposições de cada uma das nações da Europa, que um homem instruido e de talento, como o sr. Horta, ao fazer o estudo dos motores mecanicos, isto é, das forças de que se deriva toda a produção, não podia deixar de inquirir sobre as causas principaes, que promovem ou paralisam o desenvolvimento das forças creadoras, e da actividade das nações. A cada passo se encontram, no bem pensado livro do nosso collega e amigo, justas apreciações das causas economicas e politicas do progresso industrial dos povos, e de cada uma d'essas apreciações sabe elle tirar lição e conselho para Portugal.

O sr. Horta põe, peremptoriamente, a questão, tantas vezes debattida, e a que a nação não pôde dar ainda uma solução pratica:— É Portugal um paiz destinado a ser exclusivamente agricultor?—A observação dos factos, e o estudo das leis economicas, provam que nenhuma industria vive e prospera isoladamente n'um paiz: todas mutuamente se auxiliam, todas são solidarias. São, em cada paiz, mais favoraveis as condições naturaes e sociaes para um ou outro dos ramos do trabalho humano, mas, em torno da industria predominante e próspera outras se levantam e desenvolvem. Para, ao lado da agricultura, florescer a industria, são condições necessarias « as materias primas, a força, os instrumentos do trabalho, o saber, o gosto e facilidade das permutações » diz o sr. Horta: e, analysando depois as condições do nosso paiz, mostra que, no momento em que se manifestam symptomas de progresso, quando parecem reunir-se as condições essenciaes para a expansão da industria, o que é preciso, mais do que tudo, é organizar o ensino industrial em todos os seus grãos; derramar o saber por todos os agentes pessoas da industria; criar a escola primaria, ordenar o ensino intermediario, organizar os institutos superiores. Proteger a industria não é estreitar o consumo, e sacrificar os consumidores ás barreiras, levantadas pelo fisco na entrada dos mercados nacionaes; essa protecção asphyxia e não vivifica. Provam-o os exemplos da Inglaterra, da Belgica, da Italia, da França, das nações que prosperam, emfim. O proteger a industria é abrir-lhe mercados; é franquear-lhe estradas; é derramar a instrucção; é moralisar o povo; é fazer do trabalho industrial uma profissão, a mais independente, a mais honrosa, a mais estimada das profissões. A liberdade é o primeiro motor do progresso moral de um povo;

quando esse povo pensa, e trabalha. É este o segredo da grandeza da Inglaterra. As considerações economicas e politicas, com que o sr. Horta desenvolve esta these, são dignas de meditar-se, e fazem tanta honra á sua rasão como ao seu caracter.

O Relatorio do sr. Horta é um bom livro; e nós podemos dizer d'elle, o que o celebre professor Rankine escreveu de uma parte do Relatorio d'este nosso collega e amigo sobre a exposiçãõ universal de 1855: «Para encontrar uma descripção clara e magistral das locomotivas expostas em 1855, o leitor deve recorrer ao excelente relatorio escripto pelo Professor José Maria da Ponte Horta» escreveu o sabio professor da Universidade de Glasgow. Ao relatorio sobre a exposiçãõ de Londres, dizemos nós tambem, devem recorrer todos os que desejarem instruir-se, sobre as machinas de vapor e os motores hydraulicos expostos em Londres em 1862.

J. ANDRADE CORVO.

CHRONICA DO MEZ



o sair d'esta chronica, cae da grande ampulheta mais um grão de areia; mais um anno morre e outro anno principia; — um dia dia de menos para viver; na frente, uma ruga mais! E é a quadra das festas, e é o periodo das sinceras alegrias de familia, que parecem saudar jubilosas o futuro e apagam ingratamente as lembranças do passado! Que as creanças se alegrem, é justo; ainda não são homens, e cada passo que dão aproxima-as mais do prazer; mas nós! nós, que perdemos quanto ellas ganham, e que não vemos como ellas o anno que chega mas o anno que foge, deixemol-as estender a mão ao desconhecido viajante que se apresenta, mas não recusemos um *shake-hands* ao conhecido companheiro que se despede. Os musulmanos resam pela

manhã voltando o rosto para o oriente; á noite, inclinam-se também perante o sol no occaso!

O anno pareceu querer vingar-se, ao dizer-nos adeus, da alegria com que iam saudar-lhe o successor; a chuva, o vento, a tormenta, o frio, espalharam a desolação por toda a parte. Os estragos foram immensos; por todos os lados, queda e ruina; era um espectáculo afflictivo ver os jardins depois do famoso cyclone, devastados e tristes, com as arvores que ainda na vespera pareciam desafiar a colera das nuvens curvadas ou partidas. A tempestade consagra as coisas; essas pobres arvores abatidas tinham não sei que confidencial character, que as recommendava á devoção. O antigos dobravam o joelho diante das columnas, que o rayo ennegrecera! O que a tormenta não consagra, são esses monumentos vivos da humanidade, a que se insultam constantemente as feridas, perseguindo-os, de pedra na mão e injuria nos labios, — os martyres gloriosos do vendaval da existencia, pallidos heroes, heroes infelizes, que teem na fronte as cicatrizes do talento!

São incalculaveis, — bem o teem referido as folhas quotidianas, — os estragos que a tempestade produziu. O mar esteve enorme de horror. Em toda a extensão do atterro tudo estava apinhado de espectadores d'esse lugubre drama, familias de marítimos, varinas que tinham o amante a bordo, mães, irmãs, noivas que viam a formidolosa vaga atirar-lhes o véu da viuvez! Que de clamores de angustia, que gritos de furia, que suspiros, que ais, que arrancos, que preces, que blasphemias, ouviu n'esse dia o mar nos seus abysmos! Inexoravel como a sorte, elle respondia rugindo ás orações, aos sinos, aos gritos de manobra, aos gemidos d'alma, aos tiros de soccorro! E retiravam-se todos, abatidos, exasperados, os que o imploravam, os que o admiravam, os que o insultavam, e os que iam simplesmente vel-o: elle rugia sempre, emblema eterno da destruição e da força!

Como que tudo se resentiu d'essa aterradora convulsão da natureza; o commercio, a politica, os theatros. A capital durante dois dias apresentou um aspecto de desolamento; a chuva jorrava em ondas, caíam as paredes e os telhados á furia impetuosa do vento, fecharam-se as lojas e as salas de espectáculo.

Até o *Tempo dos francezes*, e mais estava na segunda recita, addiôu a terceira *por ordem superior* do vendaval, a que nem o regimento 19 pôde fazer frente! Duas noites depois, em tempos de melhor paz, voltou de novo á scena para continuar os seus triumphos populares. A estreia do sr. Florencio Sarmiento suscitou graves partidos na platea, e foram tratados como *jacobinos* os poucos espectadores que patearam. O theatro normal, symbolo da ordem e so-

cego entre a familia portugueza, deu-se o *chic* de ter batalha na sala; um espectador da platéa, que bateu com os pés, foi agredido por um espectador de frisa que lhe arrumou pela cabeça; os extremos tocaram-se. A peça lucrou com estas guerras, em celebridade e em enchentes. Já conheci uma cantora, que, quando a applaudiam friamente, dizia na esperança de que a reacção a salvasse: «Não haver alguém que me pateie!» O verdadeiro merecimento da peça reside no estylo, que tem todo o sabor portuguez e familiar, no desenho dos typos que são também muito nossos, e no estudo da época que está consciencioso e fiel; é uma peça nacional, digna do theatro que a levou á scena, e compensa pela pureza da linguagem e exacta observação dos costumes a frouxidão dos lances e situações do enredo. O publico tem festejado o auctor, e os amigos entusiastas pondo desde a segunda recita os pateantes em retirada foram o regimento 19... da platéa!

No theatro de S. Carlos cantou-se o *Othelo*, por madame Borghi-Mamo, Mongini, Squarcia, e Stagno. Grande triumpho, triumpho merecido, para o qual concorreram todos os artistas, mas que, como podem suppor, se alcançou principalmente pelos grandes interpretes do mouro e de Desdemona.

O publico conservava ainda vivissimas as recordações da Lotti, os encantos d'aquella voz prodigiosa, a seducção do seu typo verdadeiramente distincto e bello, as límpidas vibrações do seu canto, que, n'esta opera, soube até encontrar as lagrimas da paixão, e os sublimes extases do talento. Era preciso muito á Borghi, á trigueira, á ardente mas viril tragica, para amoldar a indomavel vehemencia do seu character, o vigor um pouco masculino do seu typo á incarnação da diaphana e melancolica figura de Desdemona; conseguiu-o foi o successo por excellencia, o divino milagre do genio!

No terceiro acto principalmente a alma teve o seu drama, ao passo que o ouvido tinha a sua opera. Não se cantou nunca, não se sentiu, não se idealizou melhor a Desdemona e o mouro, a innocencia e o ciúme, o amor mártir e o amor tyranno, a paixão cruel e a paixão victima, do que o fizeram madame Borghi-Mamo e Mongini.

Era a noite de Shakspeare em toda a sua lugubre poesia; o terror transformou a morena Borghi na mulher de pelle branca como a neve e lisa como o alabastro dos tumulos; Mongini foi prodigioso, e o publico estremeceu á simples vista d'aquelle braço irresoluto e ardente que agarra primeiro na lampada para apagar a luz, e apaga depois com um punhal a luz da vida á sua noiva. Cada scena, cada phrase, cada notta, foram um poema. Desdemona, ao erguer do panno, alta noite, na sua alcova, a sós com a aia, com a sua tristeza, com os seus presentimentos e as suas lagrimas, está

scismando no exilio de Othello, que o conselho dos dez acaba de expatriar. Vae passando no lago um gondoleiro, a cantar aquelles versos do Dante.

*Nessun maggior dolore che ricordarsi*

*Del tempo felice nella miseria!*

Ella escuta-o com uma melancolia infinita e pergunta á aia:

— Quem canta assim?

— É um gondoleiro, diz-lhe a confidente, que cantando abrevia o caminho no tranquillo lago, e pensa nos filhós ao ver o ceu toldar-se!

Desdemona lembra-se n'essa noite de uma trova com que a sua ama a embalava em pequena, toada simples e inspirada, e acompanhando-se pela harpa canta o *Assisa al piè d'un salice*, que Alfredo de Musset immortalizou á Malibran. A tristeza augmenta, a anciadade, o susto, o presentimento, o vago terror; geme o vento na lagôa e vem n'um furacão quebrar um vidro da janella; a trova interrompe-se pelo medo, e só continua depois entre lagrimas, que suffocam a voz de Desdemona. A trovoada augmenta; ella tenta orar e diz n'uma prece rapida *Deh calma, ó ciel!* estendendo-se sobre o leito. Othello apparece com uma lanterna, impetuoso, implacavel, febril; já não é o heroe grave, nobre e sympathico, que inspirára ao côro do primeiro acto o *Santo imen te quidi amore!* É a figura da vingança, da raiva cega, do ciume exterminador. Ao chegar-se ao leito, ouve Desdemona balbuciar no somno: *Amato bene!* e vae já a matal-a, e recua, e hesita, e espera, e treme, ao acordal-a; é que pergunta a si mesmo qual será o Prometheo, cujo fogo celeste accenda de novo o raio de vida que elle ouse apagar para sempre, e estremece ao aspirar aquelle halito embalsamado e sereno, que persuadiria á justiça o quebrar o seu gladio, e atreve-se a pedir apenas no intimo do desejo que ella seja assim formosa depois de morta para poder matal-a agora, e depois amal-a!

Ahi, principia o duetto, supremo grito de raiva do mouro, sublime ai de angustia de Desdemona. *Ah! Perfido! Ingrato!* diz-lhe ella; e elle ameaça-a, persegue-a, levanta o *cangiar*, cambalêa, estrebucha, mata-a; mata-a, infeliz, e mata-se a si em seguida.

Tudo isto se conta, mas o que não poderá referir-se é a poesia que rescende em toda a composição d'este terceiro acto, o perfume, a serenidade grandiosa, o dom de commover, de enternecer, de amedrontar, sem os recursos ruidosos da moderna instrumentação. É simples e terrivel como a tragedia, todo este acto; que exuberancia de flores n'aquella musica, que raios de luz, que de grinaldas, que de perolas, que de hymnos, que pompa simples!

A Borghi teve uma ovação delirante. Que intimidade de estudo, que verdade de paixão, que prodígio de recursos vocaes! Como desde as primeiras scenas se lhe vê no rosto a pallidez da morte que a espera, como diz Virgilio de Dido: *pallida morte futura!* Divino, divino talento!

De Mongini já dissemos tudo, na época passada, a proposito d'esta opera; este anno é a mesma sensibilidade ardente, o mesmo canto apaixonado, a mesma ousadia, o mesmo vulcão!

Registemos n'uma noticia, concisa como um telegramma, a publicação no *Diario de Lisboa* do relatorio do sr. Sant'Anna e Vasconcellos, official ordinario da secretaria d'estado dos negócios da fazenda, ácerca dos impostos e outros rendimentos publicos anteriores ao anno de 1832; trabalho consciencioso, revelando grande leitura, investigação de manuscritos e estatísticas, intelligente confrontação das épocas, compendiando toda a parte historica em verdadeiros quadros dos diversos tempos, e apresentando os documentos e datas que obteve e organisou com um vigor de precisão e esmero de de linguagem, que tornam notavel por mais de um titulo este estudo importante do systema tributario. Haverá doze annos o sr. Sant'Anna e Vasconcellos apparecia em Lisboa parecendo apenas pedir á vida a alegria da mocidade e as consolações da poesia; o seu livro de versos, a que Latino Coelho fez uma brilhante introduccão, levava por titulo *Patria e amor*; esses dois sentimentos que então o inspiraram teem vigorado na sua alma, mas guiaram-o para outros horisontes, — ao amor, pelo casamento; á patria, pela politica. Na segunda phase da sua existencia poderam triumphar melhor os dotes que o distinguem, dotes de intelligencia e dotes d'alma; o seu espirito amadurecendo nos annos retemperou-lhe a indole e tornou-o util; o relatorio que hoje annunciamos é um documento inquestionavel do seu talento e da sua applicação.

Um cavalheiro de quem Portugal se recordava por mais de um titulo, o sr. Antonio da Cunha Sotto-Maior, que ha dez annos tem estado nosso ministro em Stockolmo, appareceu este mez em Lisboa. Á sua existencia, tão illuminada outr'ora por mil rasgos de excentricidade, pelo prestigio da sua eloquencia no parlamento e pela voga dos seus folhetins no *Estandarte*, prênde-se com justiça a mais viva e grata sympathia. Não foi nunca o homem de um grupo, de um salão, ou de uma classe; as senhoras viram sempre n'elle um esplendido conversador, os *dandys* um principe da elegancia, os politicos um genio ardente, os homens de letras um scintillante estillista. A par do tirocinio da carreira diplomatica, o sr. Sotto-Maior ganhou n'estes annos as vantagens de viajante, a successão das coisas materiaes, o mar, as montanhas, os edificios das

ciudades, a diversa gente, os differentes costumes, tudo quanto nas suas apparencias pittorescas nada tem de commum com a diplomacia, mas que completa o espirito do homem de mundo. Não é o mesmo que dizer-lhes que voltou mais original, mais imaginoso, mais attrahente que nunca?

Ao mesmo tempo chegava tambem a Lisboa, vindo de mais perto, vindo de Coimbra, um moço pallido, distraído, simples, criança sublime, que sabe tudo aos vinte annos, que sem escolher as conversações accêita-as no ponto em que as encontra e esclarece-as logo pela lucidez de um talento de excepção, que tem aprendido muito, que tem adivinhado ainda mais, — Theophilo Braga, o poeta da *Visão dos tempos* e das *Tempestades sonoras*, talvez o successor de Garrett um dia! A litteratura militante recebeu-o de braços abertos. A esta hora, elle regressou já a Coimbra, onde segue o curso de direito, auxiliado por uma pequenissima mesada sobre a venda dos seus livros.

Não esqueçamos a publicação do *Relatorio e Contas da Sociedade promotora das Bellas Artes*; annunciando-o, folgámos verdadeiramente pelo desenvolvimento de que vae dando provas esta utilissima associação, e registamos com prazer os intelligentes serviços que tem prestado á arte, pela sua dedicação, pelo seu esclarecido talento, pela sua vontade vigorosa, o sr. marquez de Sousa Holstein, presidente do conselho administrativo.

O theatro do Gymnasio dá actualmente uma comedia chistosa e viva, *Os medicos*. em que Taborda é o doente. Tres actos de gargalhada; disparate sobre disparate; reccita sobre reccita; enchente sobre enchente.

O antigo Caffé Concerto desejou ser *Casino lisbonense*. Não lh'o levemos a mal. A orchestra franceza que ali tem dado concertos todas as noites, e que possui alguns artistas de merecimento, teve já este mez de ir visitar o Porto na esperanza de um acolhimento mais auspicioso do que encontrou em Lisboa, — na opinião do empresario e do bilheteiro, que divergem n'este ponto dos triumphos que os noticiarios lhe têm proclamado. Na Persia, em outros tempos, era uso tocar timbales emquanto o rei jantava para affugentar as aguias e os falcões, que tão depressa ouviam tocar n'essa qualidade de tambores largavam o vôo e fugiam; o nosso publico, que é um pouco *falcão*, foge muito tambem assim que ouve musica!

Fechemos por uma novidade alegre: ha um novo salão de concertos e bailes, que debaixo do titulo de *Salão Meyerber* deu ha poucas noites o seu concerto de inauguração. A concorrência foi diminuta. O amor das simphonias não leva quasi ninguem até adiante da rua Nova da Palma, bairro em que ha mais eleitores que melomâ-



nos. A orchestra, dirigida pelo sr. Reinhardt, executou algumas peças com muita proficiencia; é todavia para sentir que não figurasse no programma de abertura uma unica composição do celebre *maestro*, cujo nome se invocou para dar titulo aos concertos. O salão é espaçoso e bonito, mas o proscenio, além de não ter fundo, pareceu-me deficiente em condições de gosto no que respeita aos ornatos. Havia poucas senhoras, infelizmente, e estas festas não podem viver sem ellas, porque a paixão pela musica no nosso paiz limita-se a uma vaidade elegante. A grande curiosidade da noite foi ver a sala; um espectador, cego de um olho, dizia ao bilheteiro:

- Para a galeria nobre?
- Seis tostões.
- Aqui tem tres; dê-me um bilhete; quero só ver a sala!
- É a mesma coisa, custa-lhe seis tostões!
- Mas se eu tenho só um olho!?

JULIO CESAR MACHADO.